

O POVOADO FORTIFICADO NEO- E ENEOLÍTICO DO PENEDO DE LEXIM (MAFRA)

CAMPANHA PRELIMINAR DE ESCAVAÇÕES — 1970 (*)

Por

JOSÉ MORAIS ARNAUD, VASCO SALGADO DE OLIVEIRA

e VÍTOR DE OLIVEIRA JORGE

I — INTRODUÇÃO

1. A primeira prospecção rigorosa realizada no Penedo de Lexim de que temos conhecimento deve-se a Estácio da Veiga (1). Este, no decorrer de uma prolongada estadia em Mafra (1867-1874), esteve no local e procedeu à sua minuciosa descrição geográfica, geológica e botânica mas, embora tivesse formulado a hipótese do seu interesse arqueológico, abandonou-a por não ter encontrado nenhum vestígio que a confirmasse.

(*) O presente texto resulta da refundição e ampliação de uma comunicação apresentada ao II Congresso Nacional de Arqueologia, em 29 de Setembro de 1970. V. S. O. ocupou-se da elaboração da introdução; V. O. J. da localização e descrição da estação, e da classificação das peças de sílex; J. M. A. da estratigrafia, da classificação da cerâmica e restantes materiais, da cronologia e conclusões, das fotografias da estação e dos materiais, da coordenação do texto e restante documentação. Os desenhos das figs. 5, 6 e 7, são de Conceição Rodrigues, e os mapas foram elaborados por Susana R. Lopes de O. Jorge e J. M. A.

(1) S. P. M. Estácio da Veiga — «Antiguidades de Mafra ou Relação Archeologica dos Característicos Relativos aos Povos que Senhorearam Aquelle Territorio Antes da Instituição da Monarchia Portugueza». Memória apresentada à Academia Real das Sciências de Lisboa, 1879.

No entanto, não nos parece nem inútil nem despropositado tentar compreender as razões do erro de Estácio da Veiga, exemplares do ponto de vista metodológico.

Estimulado pela toponímia, detectara já, nas imediações dos Casaes de Lexim, próximo do penedo do mesmo nome, os vestígios de um possível complexo megalítico, composto de um «trilito» integrado num «circuito» lítico elipsóide que, por analogia e sob reserva, classificara como um «cromleck» (2). Portanto a sua atenção estava centrada na eventual descoberta de outras estruturas arqueológicas do mesmo tipo ou afins. Com este preconceito de observação, adensado pela contiguidade geográfica e a relativa semelhança formal, examinou detidamente os afloramentos basálticos do Penedo de Lexim: « (...) *era forçoso ir examinar se entre aquellas avultadas penedias haveria algum vestigio de antas, como o nome tradicional dos referidos casaes parecia estar inculcando em algum sitio proximo*» (3).

O seu questionário cessou ao verificar que os elementos líticos entrevistados de longe não revelavam, quando observados de perto, participação humana. Pôde, pois, concluir sob forma perentória, absoluta, sem alternativa: «*Antas não as havia; mão de homem nunca ali pozera pedra sobre pedra; tudo fôra obra grandiosa da natureza n'uma das suas magestosas expansões vulcânicas*» (4).

Na verdade, nenhum grupo humano escolhera o Penedo de Lexim para necrópole; mas a esta verificação não se seguia necessariamente que no local não tivesse havido outra modalidade de ocupação humana. Mais: o ritmo contrastante da orografia, que define e isola três plataformas eminentes e de difícil acesso (suficientemente amplas para conter uma ou duas dezenas de habitações), a característica feição geológica dos afloramentos basálticos prismáticos, regular e continuamente implantados, a proximidade de um curso de água, constituíam

(2) Não podemos emitir uma opinião definitiva. Com base na observação superficial que fizemos, julgamos tratar-se de uma formação natural, cuja fisionomia foi alterada pelo Homem, com finalidades, e em épocas impossíveis de concretizar, mas duvidosamente no período pré-histórico.

(3) *Op. cit.*, pág. 28.

(4) *Op. cit.*, pág. 29.

outros tantos factores propícios à fixação de uma comunidade, que dispunha assim de um condicionalismo extremamente favorável à organização defensiva e ao abastecimento alimentar.

Observador atento e experimentado, não deixou Estácio da Veiga de «consciencializar» estas características do local sem que, no entanto, as tenha ponderado em toda a sua amplitude e significado potencial. Remetemos para a sua análise irrepreensivelmente minuciosa (mas inconsequente) e, do mesmo passo, para uma remota metodologia do rigor expressa numa estética literária que lhe é proporcional⁽⁵⁾: «*O monte de Lexim não é gigante de portentosa estatura; ergueu-se sobre o nível do oceano uns cento e cincoenta metros e parou; mas a sua situação independente, as suas robustas proporções e a corôa de rochedos, que lhe adorna a cabeça, o instituíram soberano de um circuito de collinas. Tem por sceptro um aggregado de prismas semelhantes aos florões da corôa; grinaldas de flores lhe cingem o collo; corre-lhe aos pés um manancial de crystalinas aguas; espaçosa colonia agricola o rodeia e um povo incessantemente laborioso o contempla. Nada falta áquella soberania campestre*»⁽⁶⁾.

Outras circunstâncias equivalentemente relevantes impediram que a parcialidade de observação de Estácio da Veiga tivesse sido corrigida através de uma prospecção de superfície, já não orientada, mas tão-só imediata e concretamente decorrente da visão espontânea do solo. Referimo-nos, desde logo, às deficientes condições de visibilidade inferidas do relato de Estácio da Veiga, empolado de erudição botânica: «*E não só a classe rasteira do reino vegetal ostentava em perenne exposição as suas bellezas, a classe nobre, a classe das phanerogamicas, tambem lá estava representada, mas com excessiva modestia, porque apenas se contentára com os resquicios da rocha, com as beiras do caminho, e o raso chão, que logo aristocratisou com viçoso tapete de verdura. Esperando a todo o momento a entrada triumphal da primavera, começava a prover-se de flores: o *Ornithopalum umbella-**

(5) Veja-se complementarmente a interpretação «impressionista» do Penedo de Lexim, através da reprodução da Fig. 12 da Est. III da obra citada (Fig. 3).

(6) *Op. cit.*, pág. 28.

tum, o *Endymium campanulatus* e a *Scilla pumilla*, trajando as suas galas mais ricas, já abriam o cortejo (...)» (7) A esta dificuldade causada pela flora densa juntava-se outra não menos condicionante: a extrema dispersão, raridade e carácter atípico dos fragmentos de cerâmica e de sílex recuperáveis à superfície.

Em última análise, salvo a interferência aleatória do acaso, só um corte-sondagem, lógicamente sugerido pela ecologia, poderia conduzir a resultados indubitavelmente positivos. Este recurso constava do repertório de arqueologia de campo de Estácio da Veiga que, a propósito do complexo megalítico acima mencionado, afirma modelarmente: «A respeito d'aquellas pedras não devo afoitamente proferir uma opinião fundamentada, porque para isso precisaria ter procedido a uma extensa e profunda excavação (...)» (8). Mas a sua utilização estava directamente dependente de uma inflexão do questionário prévio de Estácio da Veiga que, vimos, permaneceu estático e inadaptado.

2. A identificação da estação arqueológica do Penedo de Lexim deve-se ao Sr. António Pedroso Ferreira, como implicitamente se conclui da leitura de uma notícia inserta no jornal «A Capital», de 16 de Junho de 1970, subordinada ao título «Está a ser destruída (próximo de Cheleiros) uma estação arqueológica do Eneolítico».

O objectivo central da referida notícia não é comunicar a descoberta e a identificação desta estação arqueológica, mas avisar da iminência da sua destruição parcial; no entanto, as declarações de António Pedroso Ferreira justificam a nossa anterior asserção: primeira qualificação arqueológica afirmativa do Penedo de Lexim e subsequente comunicação pública, se bem que por via pouco ortodoxa.

Os trabalhos de exploração de uma pedreira estão acidentalmente na origem da descoberta. As necessidades inerentes à extracção de basalto determinaram a abertura de um talhão, acção que provocou, segundo relato dos operários, o aparecimento de «muitos ossos, caca-rias, peças de bronze e outras coisas do género» e rasgou larga e profunda visão estratigráfica (ver Est. VI, A e B). Informado da ocor-

(7) *Op. cit.*, pág. 29.

(8) *Op. cit.*, pág. 17.

rência, o Sr. António Pedroso Ferreira deslocou-se ao local e, a par de uma prospecção de superfície de resultado pouco concludente, examinou o corte recentemente praticado do qual recolheu «diversos instrumentos de sílex e fragmentos de cerâmica» e, discriminadamente, «uma ponta de seta, uma agulha, ossadas ornamentadas, um machado de pedra polida, um ídolo de pedra e outros de osso» (9).

3. A 14 de Julho de 1970, os signatários do presente trabalho foram contactados pelo Sr. Dr. Fernando Cifka Duarte que, em representação da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra, lhes solicitou um parecer sobre a estação arqueológica do Penedo de Lexim.

A 18 do mesmo mês, visitaram o local acompanhados do referido senhor e do reconhecimento então realizado puderam não só confirmar a grande importância científica da estação, como a urgência de efectuar escavações sistemáticas. Na circunstância, resolveram participar à Junta Nacional da Educação através do seu vogal Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira, o que ocorria no Penedo de Lexim. Informou o Sr. Dr. Bandeira Ferreira que já fora nomeado relator do processo relativo ao caso em apreciação e, para maior rapidez de decisão, prontificámo-nos a conduzi-lo ao local, o que se verificou a 23 de Julho. Nesse mesmo dia, o Sr. Dr. Bandeira Ferreira recolheu os elementos necessários à redacção do seu parecer e pediu aos signatários para fazerem uma pequena sondagem na zona mais imediatamente ameaçada pela exploração da pedreira.

A 27 de Julho de 1970, solicitámos ao Ministério da Educação Nacional que nos autorizasse a realizar escavações em Lexim sob a

(9) Agradecemos a António Pedroso Ferreira a pronta cedência dos materiais que recolheu no Penedo de Lexim, e os esclarecimentos adicionais que nos prestou, imprescindíveis para a redacção da 2.ª parte desta introdução, bem como a maneira incondicional como se dispôs a uma colaboração futura.

Agradecemos também ao Sr. João Pereira, encarregado da pedreira, que apesar de injustamente acusado, na notícia atrás referida, de ter dificultado o acesso à estação, e ocultado os materiais encontrados, sempre nos facilitou o nosso trabalho, entregando-nos inclusivamente, as peças que iam sendo encontradas na área da pedreira. Registe-se, aliás, que apesar das entidades responsáveis, imediatamente avisadas, nada terem feito para impedir a destruição da estação, a pedreira não avançou, até agora, para além da zona já destruída antes da nossa intervenção.

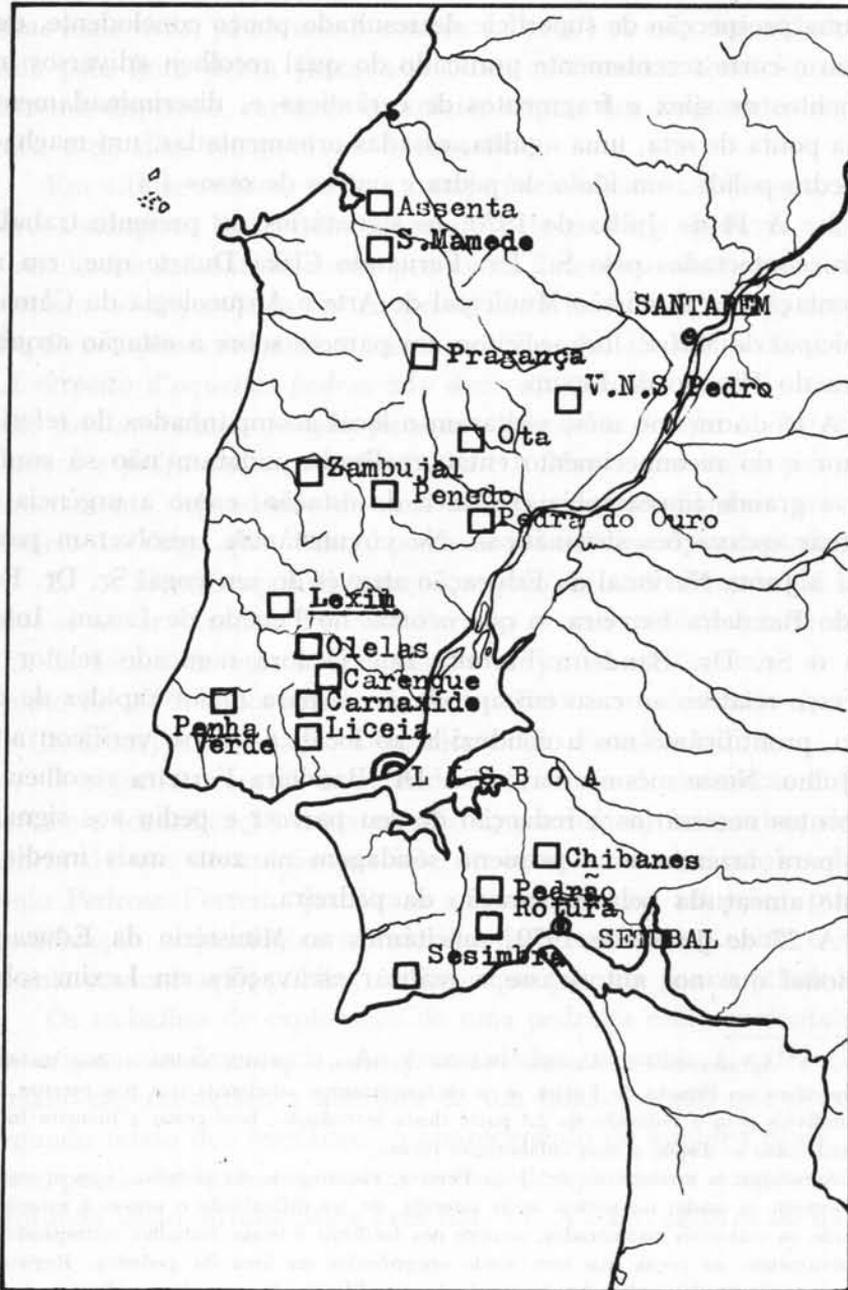


Fig. 1 — Localização dos principais povoados eneolíticos pré-campaniformes da Estremadura.

orientação do Sr. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, que prontamente acedera ao pedido que lhe tínhamos feito nesse sentido.

O nosso pedido foi deferido por despacho ministerial, que nos foi comunicado por officio datado de 27 de Agosto de 1970.

II — LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA

A região em que se enquadra o Penedo de Lexim é «essencialmente constituída por um planalto litoral, encostado, a sul, ao Maciço eruptivo da Serra de Sintra, e, a este, a uma zona de elevações mais ou menos importantes, formadas por terrenos mesozóicos e cenozóicos e por rochas eruptivas de várias naturezas, pertencentes, na maior parte, ao «Complexo basáltico de Lisboa»⁽¹⁰⁾. Este complexo basáltico esbate-se para norte em cabeços mais ou menos circunscritos, enquadrados numa paisagem cretácica. O povoado do Penedo de Lexim encontra-se instalado num desses cabeços, cuja morfologia, porém, difere da mais comum: aí o basalto aflora em prismas hexagonais, formando blocos, e constituindo um amuralhado natural que, aliado à área relativamente circunscrita do cabeço, contribui para dar ao local um aspecto de fortaleza natural, particularmente evidente se visto de sul.

O povoado encontra-se a uma distância de cerca de 11 km em linha recta da costa, o que é significativo, pois coincide com a distância que separa do mar o Castro do Zambujal (cerca de 10 km), facto que, ligado à circunstância de ambos estarem articulados com vales de rios importantes, pode interpretar-se como uma constante de povoados deste período e região (Figs. 1 e 2).

As coordenadas geodésicas do local são as seguintes⁽¹¹⁾:

38° 53' 39" N.
9° 18' 32" W.Gr.

⁽¹⁰⁾ Carta Geológica dos Arredores de Lisboa, Notícia explicativa da folha 1 (Sintra), Serviços Geológicos de Portugal, 1960, pág. 6.

⁽¹¹⁾ Segundo a Carta Militar de Portugal, na Escala 1/25.000, folha 402 (Mafra) Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa 1961.

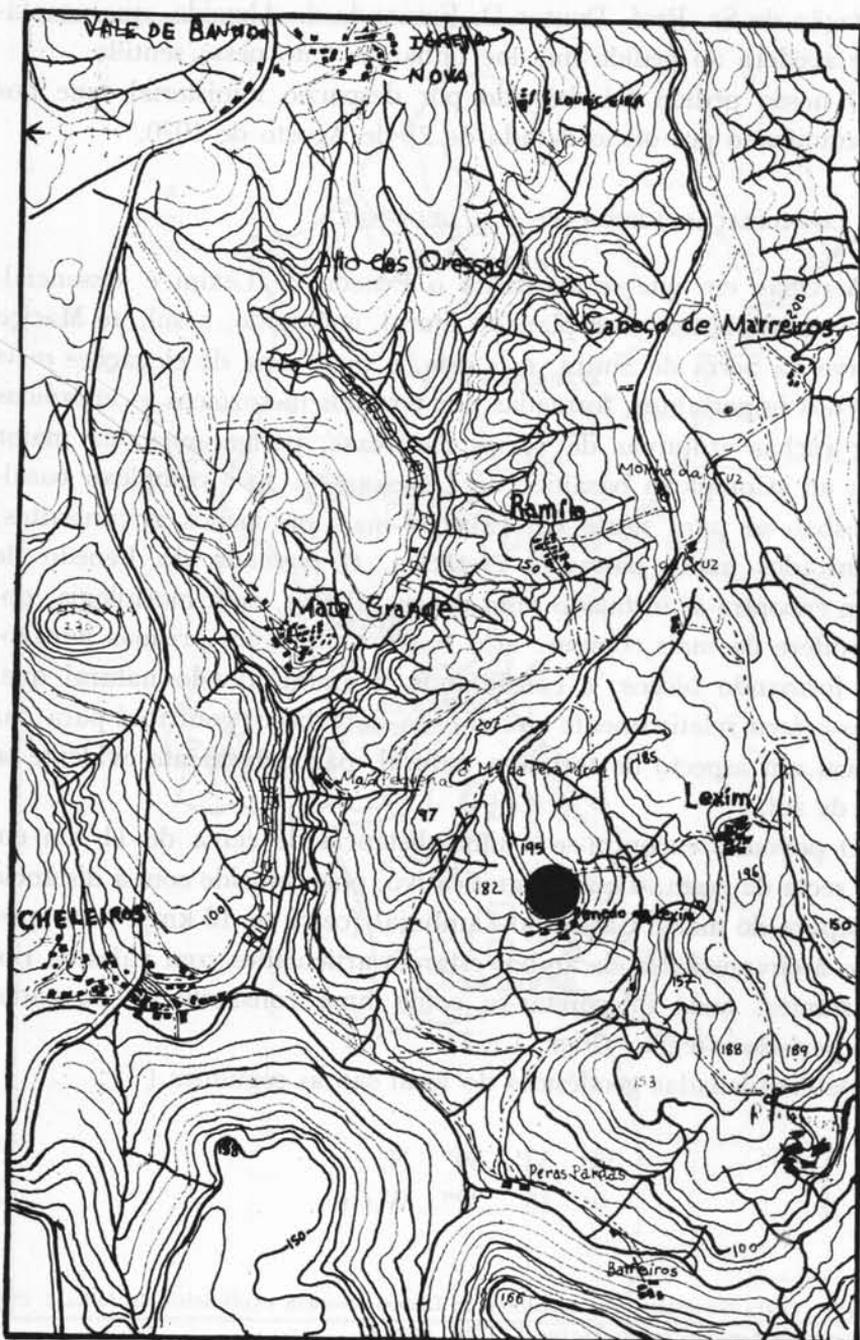


Fig. 2 — Situação do Penedo de Lexim (Esc.: 1/25 000)

A cota máxima do cabeço é de 220 m, e este domina, para sul, o vale correspondente ao curso médio de uma ribeira afluente do rio de Cheleiros. É neste ponto, sobranceiro ao vale, que as cotas atingem um desnível mais abrupto, sendo este menos acentuado para oeste e noroeste, regularidade apenas cortada pelo vale de outra ribeira afluente do rio de Cheleiros, que corre no sentido norte-sul.

Morfológicamente, a região aumenta com regularidade de altitude do litoral para o interior, de cotas de 100 m junto à costa, até cotas médias de 200 m. É atravessada por um rio principal, o rio de Cheleiros, que corre no sentido sueste-noroeste, além de outros menores que lhe são paralelos. Aquele rio e as ribeiras suas afluentes formam meandros entre cabeços pouco elevados. Para sudoeste é de planalto a região de Assafora, Odrinhas, São João das Lampas.

III — DESCRIÇÃO DA ESTAÇÃO

A estação arqueológica do Penedo de Lexim pode ser descrita da seguinte forma: é constituída por três plataformas; uma mais baixa, com cerca de 40×15 m, a sudoeste e orientada no sentido este-oeste (Est. II e VII-A); uma média, com cerca de 33×15 m a oeste e orientada no sentido norte-sul, contornando a plataforma superior por sul

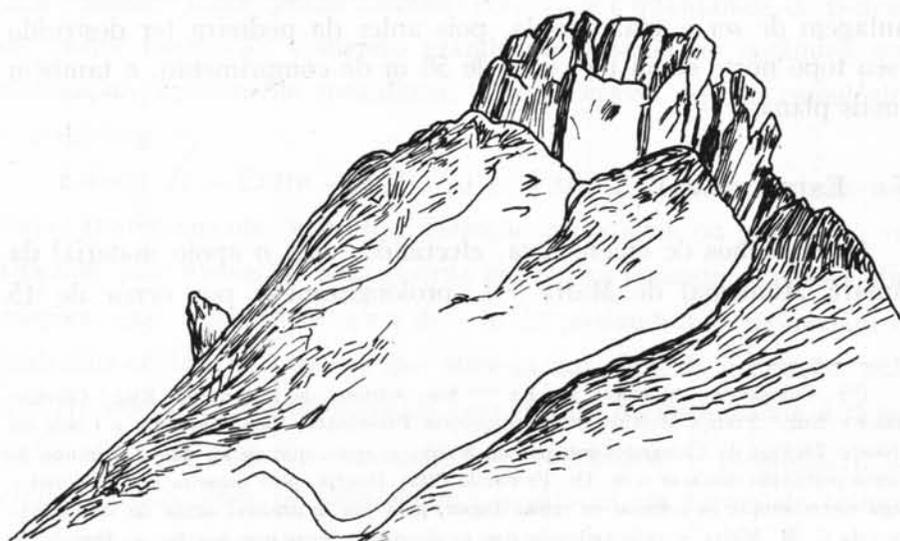


Fig. 3 — O Penedo de Lexim visto de este, segundo Estácio da Veiga

e oeste, cujo topo norte foi destruído pela exploração de uma pedreira, e na qual fizemos a sondagem de emergência (Est. II, V, VI, VIII-A e IX-A); a terceira, superior, corôa o topo do cabeço, é circular e circunscrita, e tem um diâmetro de 15 m, dominando qual «acrópole» as outras duas (Est. II, IV e V).

A norte, este e sul, o local encontra-se naturalmente defendido por formações basálticas, que tombam em certos pontos quase a pique sobre o vale. As zonas menos defensáveis, onde o desnível é menor, situam-se a oeste. Ora foi precisamente nessas zonas que verificámos a presença de um amuralhado em torno da plataforma média, amuralhado esse construído com fragmentos de prismas basálticos encostados uns aos outros pelas faces laterais, e com os topos constituindo o pano exterior (Est. II, V e VII-B). Este amuralhado vai encostar-se aos afloramentos naturais, preenchendo os vazios por eles deixados. A observação do seu perímetro completo e o respectivo levantamento depende da libertação da totalidade dos arbustos rasteiros e terra que provavelmente o cobrem, trabalho a realizar logo que possível.

De todas as plataformas referidas, é a mais baixa a que se encontra mais abrigada, e onde é provável que uma futura escavação revele estruturas correspondentes a habitações. A plataforma média encontra-se exposta aos ventos predominantes, tendo no entanto a vantagem de ser a mais ampla, pois antes da pedreira ter destruído o seu topo norte devia ter cerca de 50 m de comprimento, e também a mais plana.

IV — ESTRATIGRAFIA

Os trabalhos de emergência, efectuados com o apoio material da Câmara Municipal de Mafra ⁽¹²⁾, prolongaram-se por cerca de 15

(12) Cumpre-nos agradecer aos Ex.^{mos} Srs. Adriano de Figueiredo, Eng.º Oliveira Simões e Eng.º França Martins, respectivamente Presidente, Vice-Presidente e Chefe do Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Mafra, o apoio que os foi dado. Seja-nos no entanto permitido destacar o Sr. Dr. Fernando Cifka Duarte, pela maneira incondicional e amigável como sempre se colocou ao nosso dispor, pela sua incansável acção de medianoiro junto da C. M. Mafra, e pelo estímulo que as diversas visitas que nos fez ao Penedo de Lexim representaram para nós, chegando mesmo a participar nas escavações.

dias, nos meses de Agosto e Setembro de 1970, e neles participaram eventualmente, além dos signatários, a Dr.^a Teresa Júdice Gamito e o Eng.^o Fernando Llach Correia. O operário da Câmara Municipal de Mafra, Sr. Alberto Carvalho, encarregou-se dos trabalhos auxiliares durante alguns dias.

O aspecto fundamental destes trabalhos preliminares, consistiu num corte estratigráfico, na zona mais ameaçada pela pedreira, na plataforma média, que permitiu a atribuição de um significado arqueológico (cronológico e cultural) à estratigrafia posta a descoberto pelo talhão de exploração da pedreira (Est. VIII-A e B e IX-B), que se pode sintetizar do seguinte modo:

Estrato A — Entre 0 e - 0,10 m — Constituído por terra negra e humosa, contendo alguns materiais cerâmicos, tipologicamente indefinidos.

Estrato B — Entre 0,10 m e 0,40 m — Constituído por terra negra e pedregosa, contendo abundantes materiais, atribuíveis à fase pré-campaniforme do Eneolítico estremenho, que descreverei mais adiante.

Estrato C — Entre -0,40 e -0,80/-1,20 m — Constituído por terra cinzenta clara, muito arenosa, com menor quantidade de pedras, de menor dimensão, contendo grande abundância de cerâmica sem decoração, tipicamente megalítica, e considerável espólio osteológico e malacológico.

Estrato D — Entre -0,80/-1,20 e -1,60/-2,00 m — embora não haja, aparentemente, qualquer distinção pedológica ou geológica, verifica-se, pelo menos na zona restrita em que se baseiam as nossas afirmações, que, a partir de cerca de 1 m de profundidade escasseiam os materiais cerâmicos e outros que atestem um nível de ocupação, pelo que consideramos a existência de uma estrato correspondente à deposição eólica de materiais arenosos, que antecedeu, e possibilitou, ao criar um solo sobre os afloramentos basálticos em forma de colunas prismáticas, a ocupação do cabeço.

V — MATERIAIS RECOLHIDOS NOS ESTRATOS C E B

ESTRATO C

A — CERÂMICA

Recolheram-se fragmentos de cerca de 60 vasos diferentes, a maior parte dos quais se assemelham extraordinariamente aos que se encontram em grande abundância nos povoados ⁽¹³⁾ e monumentos megalíticos ⁽¹⁴⁾ do Alto Alentejo, quer quanto às formas, quer quanto à qualidade e acabamento superficial das pastas. No que respeita às pastas podemos classificar os fragmentos recolhidos em dois grupos fundamentais, subdivisíveis em vários sub-grupos. As formas são referenciadas obviamente em função das pastas, pois se podemos observar a qualidade destas em todos os fragmentos, o mesmo se não pode dizer das formas, porque, no caso de material muito fragmentado, como geralmente se encontra em povoados, só podemos deduzir as formas de alguns fragmentos de bordos ou fundos, e mesmo assim com uma larga margem de erro.

Na descrição das pastas, seguiu-se, tal como em trabalhos anteriores, a terminologia estabelecida por Hélène Balfet ⁽¹⁵⁾.

Grupo A.1 — Cerâmica de dureza média, de núcleo negro, com desgordurante de grão fino e homogéneo, por vezes com vestígios de espatulado. Pertencem a este grupo fragmentos de pelo menos 7 pequenos vasos hemisféricos, ou esferoidais, incluindo um com finas incisões junto ao bordo (Est. X-A, 1).

Grupo A.2 — Cerâmica friável, de núcleo negro, com grande percentagem de desgordurante, constituído por conchas trituradas e semente carbonizadas, que aguardam análise, com engobo avermelhado,

⁽¹³⁾ J. Morais Arnaud — «Os povoados 'neo-eneolíticos' de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa) — Notícia preliminar», in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Coimbra 1971, págs. 206 a 209 e Est. I, II e IV.

⁽¹⁴⁾ Georg e Vera Leisner — «Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz — Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal», Instituto para a Alta Cultura, Lisboa 1951, págs. 67-71.

⁽¹⁵⁾ Hélène Balfet — «Terminologie de la ceramique», in *La Préhistoire*, Col. Nouvelle Clío, n.º 1, P. U. F. Paris 1966, págs. 272-278.



Fig. 4 — Perfis da cerâmica não decorada do Estrato C

de superfície rugosa. Pertencem a este sub-grupo fragmentos de 8 taças e vasos hemisféricos.

Grupo A.3 — Cerâmica de grande dureza, de núcleo negro, aparentemente sem desengordurante, mas por vezes com conchas trituradas, com uma finíssima camada de engobo interno, mais raramente externo, acastanhado, de superfície por vezes irregularmente polida. Pertencem a este sub-grupo fragmentos de 4 vasos hemisféricos, 3 taças de bordo afilado, e 5 vasos de bordo horizontal, levemente saliente.

Grupo B.1 — Cerâmica de grande dureza, de pasta castanha, por vezes avermelhada ou acinzentada, com desengordurante de grão fino e homogéneo, sem engobo, e em geral de superfície rugosa, por vezes com uma fina aguada de polimento que lhe dá uma tonalidade cinzenta escura. Pertencem a este sub-grupo fragmentos de 4 vasos de corpo cilíndrico e bordo horizontal saliente, de 8 vasos hemisféricos de bordo semelhante aos anteriores, e de 3 vasos de tipo «megáltico», semelhantes aos do sub-grupo A.1.

Grupo B.2 — Cerâmica de dureza média, de pasta castanha avermelhada, com desengordurante de conchas e grãos de areia, de textura irregular, e sem engobo. Pertencem a este sub-grupo fragmentos de vasos hemisféricos, de bordo horizontal e saliente e todos os fragmentos com decoração de caneluras largas que se encontraram neste estrato (Est. XII-A, 2, 4, 5 e 6).

Fragmento de placa rectangular com perfurações nos cantos (?)

Neste estrato, recolheu-se ainda um fragmento de cerâmica castanha muito clara, rija e sem desengordurante, decorado em ambas as faces com finas incisões oblíquas e paralelas, que julgamos pertencer ao bordo de uma placa perfurada nos cantos, semelhante às que se encontram em quase todos os povoados eneolíticos da Estremadura, pois trata-se de um fragmento de bordo sem qualquer curvatura (Est. X, 3).

O dualismo bem marcado entre dois grandes grupos de pastas, um caracterizado por cerâmicas de núcleo negro, com ou sem engobo castanho avermelhado, e outro por cerâmicas de núcleo castanho avermelhado, mais rijo e homogéneo, e sem engobo, aproxima bastante

este estrato dos povoados «megalíticos» de Famão e Aboboreira ⁽¹⁶⁾. A interpretação deste dualismo, que aliás também se verifica em estações de outras épocas ⁽¹⁷⁾, sem um estudo experimental de qualidades de pastas e técnicas de fabrico, não é inteiramente possível, por enquanto. Seja como for, estes dois grupos devem corresponder ou às duas técnicas mais correntes, ou ao aproveitamento dos dois tipos de barros mais comuns ⁽¹⁸⁾. Como se verá mais adiante, no Estrato B encontra-se uma maior variedade de pastas.

B — MATERIAIS LITICOS

1) *Silex*

1. Fragmento de lâmina, retocada periféricamente. C-1,8; L-1,8; E-0,2 cm (Est. X-B, 1).

2. Ponta de seta de base recta, com a extremidade distal partida. A peça foi incompletamente retocada, e aproveitou as zonas regulares produzidas ocasionalmente pelo talhe. C-2,1; L-1,9; E-0,2 (Est. X-B, 2).

3. Ponta de seta retocada periféricamente, com a base partida. C-2,1; L-1,7; E-0,2 cm (Est. X-B, 3).

4. Lamela não tocada, mas com vestígios de utilização. C-2,4; L-0,7; E-0,1 cm (Est. X-B, 5).

5. Fragmento de lamela, com bolbo. C-0,9; L-0,5; E-0,1 cm.

2) *Quartzo leitoso*

6. Lamela não retocada e com bolbo no reverso. (C-2,0; L-0,6; E-0,1 cm (Est. X-B, 4).

⁽¹⁶⁾ J. Morais Arnaud, *op. cit.*

⁽¹⁷⁾ J. Morais Arnaud, «O 'Castelo Velho' de Veiros (Estremoz) — Notícia da sua identificação», in *Revista de Guimarães*, vol. LXXVIII, 1968, pág. 67 e segs.

⁽¹⁸⁾ A diferença de coloração entre o núcleo e as camadas superficiais pode, em certos casos, resultar de uma oxidação parcial, por deficiências de cozedura, mas isso implicaria uma pasta friável, o que, se se verifica no Grupo A do Estrato C de Lexim, não acontece em relação ao Grupo A do Estrato B, nem ao Tipo A do Castelo Velho de Veiros.

C — ESPÓLIO OSTEOLÓGICO

O material recolhido, permitiu a identificação dos seguintes géneros:

Capra, Ovis, Sus e Lepus ⁽¹⁹⁾.

Apesar de relativamente abundante, o espólio deste estrato, devido à sua fragmentação, não nos permite apresentar um estudo quantitativo que nos dê um índice da importância relativa da caça e da criação de gado na dieta dos habitantes do Penedo de Lexim, e da sua evolução no tempo, estudo que tencionamos apresentar futuramente, com o prosseguimento das escavações, pois ambos os estratos contêm abundante espólio osteológico. A pedreira pôs a descoberto muitos outros ossos, mas para tal estudo só se podem utilizar aqueles cuja procedência exacta se conhece, e estes, dada a reduzida área escavada, são insuficientes. Além disso, é fundamental conhecer não só as espécies, o que ainda não foi possível, como também dispor de dados osteométricos, o que só é possível com muitos ossos inteiros.

Todo o material recolhido resulta exclusivamente de restos de alimentação, pois ainda não identificámos quaisquer utensílios feitos sobre osso, tão comuns em povoados e sobretudo em sepulcros deste período.

D — ESPÓLIO MALACOLÓGICO

1) *Restos de alimentos* — As várias dezenas de conchas ou fragmentos recolhidos, permitiram a identificação dos seguintes géneros e espécies: *Cardium edule, Tapes decussatus, Ostrea sp.*, e *Venus verrucosa Linei*. Todos estes moluscos foram aliás dos mais correntemente aproveitados pelos habitantes dos povoados eneolíticos do litoral estremenho ⁽²⁰⁾.

⁽¹⁹⁾ O espólio malacológico e osteológico recolhido neste estrato, bem como no Estrato B, foi sumariamente classificado pelo Sr. Doutor Georges Zbyszewski, a quem muito agradecemos a amabilidade e prontidão com que o fez.

⁽²⁰⁾ Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita — «A utilização dos moluscos durante o Eneolítico português», in *Revista de Guimarães*, vol. LXXVI, 1966. págs. 307 a 338.

2) *Conta de colar* — Recolheu-se neste estrato uma conta de colar (Est. X-B, 6) com 1,4 cm de diâmetro e 0,12 cm de espessura ligeiramente côncava numa das faces, que parecia ser de calcite. Observada com uma lupa binocular, verificou-se a existência de ligeiras estrias paralelas, distando cerca de 0,1 cm entre si, que parecem indicar que esta conta, à semelhança de uma outra, encontrada no Estrato B, foi feita a partir de uma valva de molusco, provavelmente de *Glycymeris* ⁽²¹⁾. Valvas deste molusco, têm sido encontradas em várias estações eneolíticas do território português, tendo-lhes sido atribuídas as funções de lucerna (?), pingente e argola ⁽²²⁾. Este é porém o primeiro caso que conhecemos em que tal valva foi utilizada para fabricar uma conta de colar. Conhecem-se contas de colar de outros moluscos, mas nesses casos usa-se como conta a valva inteira, e não apenas uma escassa parte dela. Tal facto está porém patente, como veremos mais adiante, ao referirmo-nos à outra conta de valva de molusco, do Estrato B, na Cueva de los Toyos, no Sueste da Península.

E — CARVÕES

Neste estrato recolheram-se inúmeros pedacinhos de carvão vegetal, relacionados com um presumível chão de cabana. Infelizmente, a pouca profundidade a que foram recolhidos (cerca de 0,50 m), e a possibilidade de uma contaminação com raízes, torna difícil o seu aproveitamento para datação pelo C 14.

ESTRATO B

A — CERÂMICA

Os numerosos fragmentos desprovidos de decoração recolhidos neste estrato, podem agrupar-se, quanto à qualidade das pastas, em quatro grupos fundamentais:

Grupo A — Cerâmica de grande dureza, de núcleo negro, com deesngordurante de grão muito fino, ou fino, constituído por grânulos

⁽²¹⁾ Segundo informação do Sr. Eng.º O. da Veiga Ferreira, a quem muito agradecemos.

⁽²²⁾ C. T. Silva e M. G. Cabrita, *Op. cit.*, pág. 320.

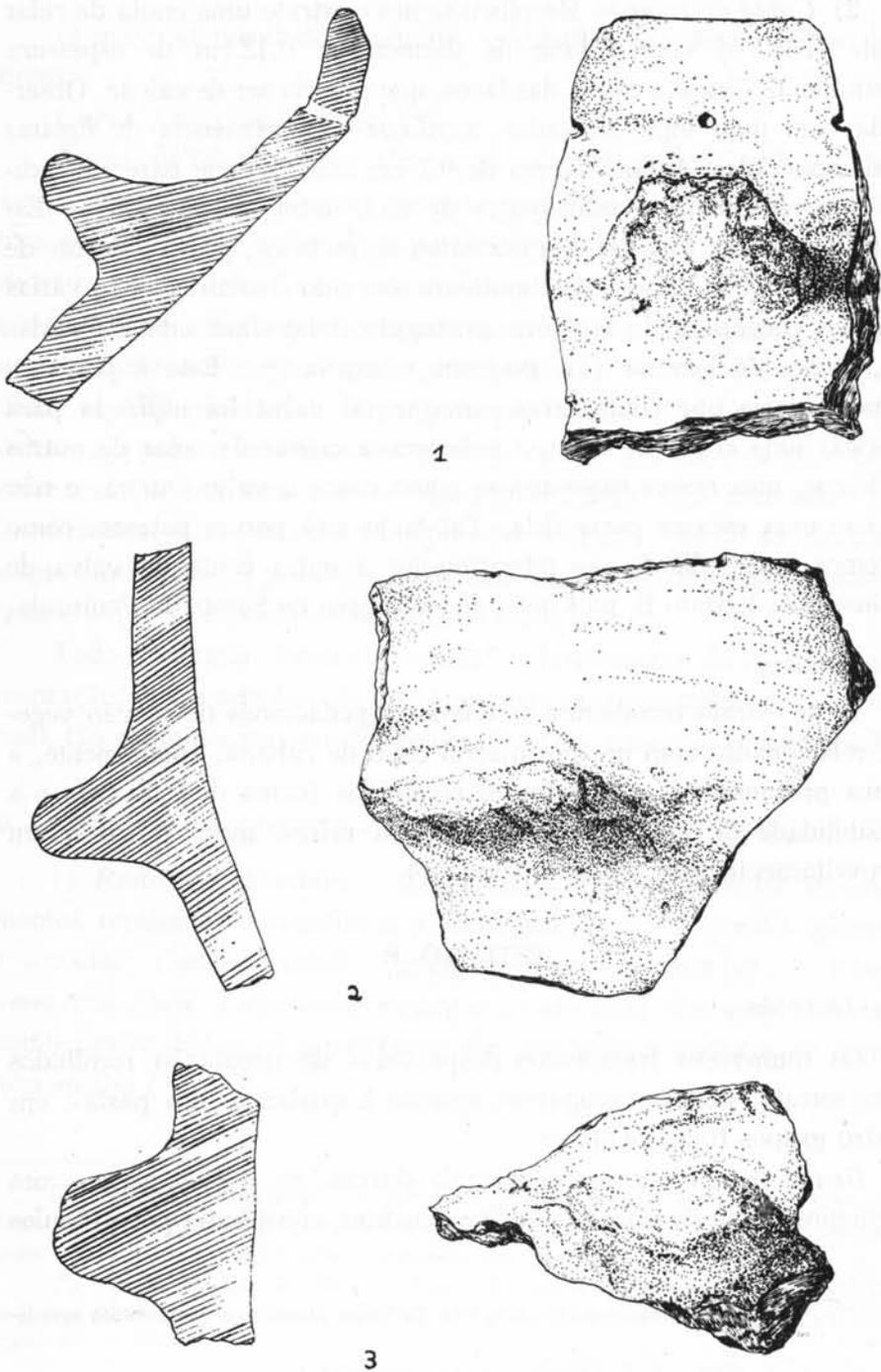


Fig. 5 — Cerâmica do Estrato B

de areia e por elementos vegetais (carbonizados), sem engobo, ou com uma fina camada de engobo cinzento acastanhado, ou avermelhado, em ambas as faces. Pertencem a este grupo vasos de corpo cilíndrico, ou hemisférico, de bordo direito ou levemente saliente, e vasos esferoidais, incluindo dois fragmentos com pegas mamilares perfuradas (Fig. 6, n.^{os} 3 e 4), e um fragmento de vaso globular, de bordo vertical, com uma pega transversal e uma série de perfurações horizontais junto ao bordo (Fig. 5, n.^o 1), para o qual não encontramos ainda paralelo no Eneolítico estremenho. Incluem-se neste grupo cerca de 30 % dos fragmentos recolhidos.

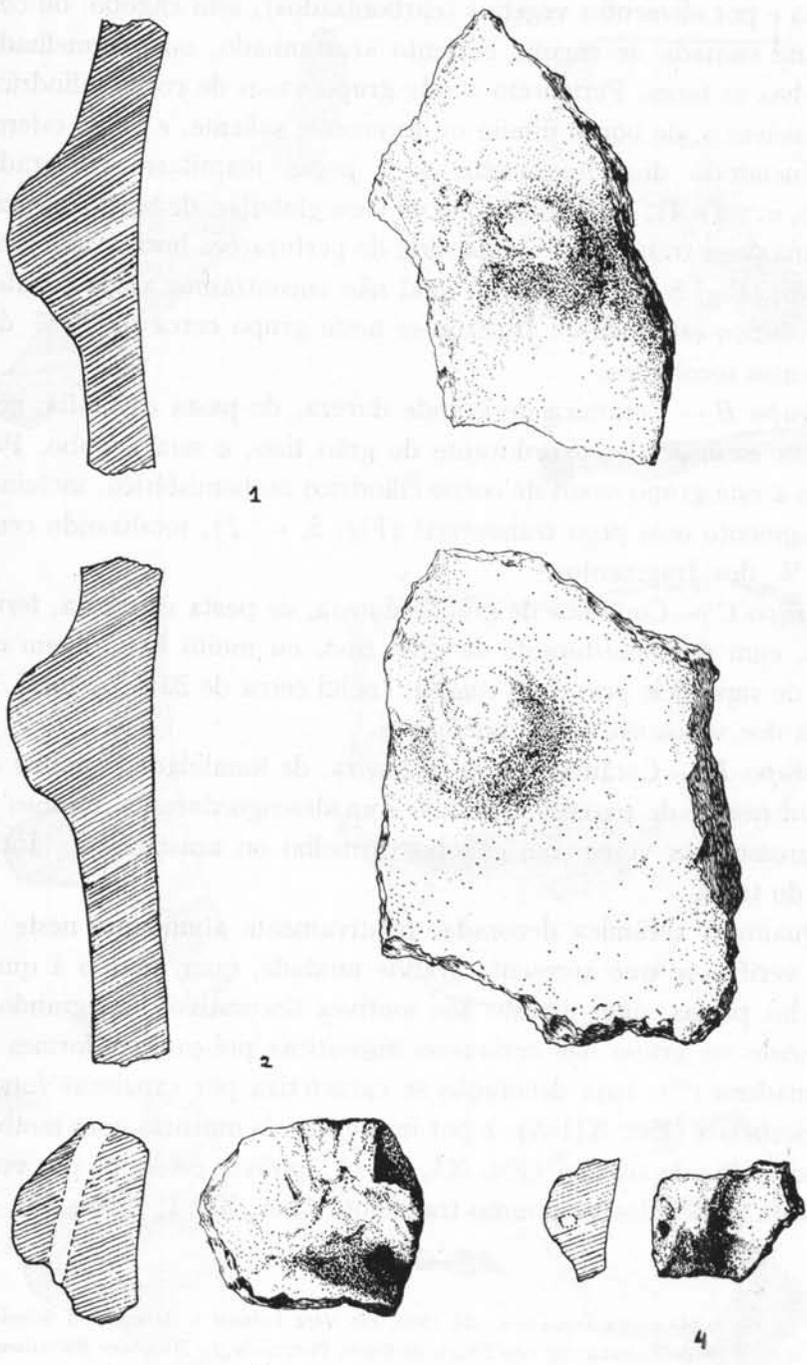
Grupo B — Cerâmica de grande dureza, de pasta castanha, com manchas escuras, desengordurante de grão fino, e sem engobo. Pertencem a este grupo vasos de corpo cilíndrico ou hemisférico, incluindo um fragmento com pega transversal (Fig. 5, n.^o 2), totalizando cerca de 36 % dos fragmentos.

Grupo C — Cerâmica de grande dureza, de pasta vermelha, ferruginosa, com desengordurante de grão fino, ou muito fino, e sem engobo, de superfície por vezes rugosa. Inclui cerca de 20% do total. As formas dos vasos são mais indefinidas.

Grupo D — Cerâmica muito grosseira, de tonalidade castanha escura ou negra, de paredes espessas, com desengordurante arenoso de grão grosso, por vezes com engobo vermelho ou acastanhado. Inclui 14 % do total.

Quanto à cerâmica decorada, relativamente abundante neste estrato, verifica-se que apresenta grande unidade, quer quanto à qualidade das pastas, quer quanto aos motivos decorativos, integrando-se totalmente no grupo das cerâmicas eneolíticas pré-campaniformes da Estremadura (²²), cuja decoração se caracteriza por caneluras fundas ou superficiais (Est. XII-A), e por impressão de matrizes com motivos do tipo «folha de acácia» (Est. XI, 1 a 6), motivos estes que por vezes aparecem associados no mesmo fragmento (Est. XI, 1, 2, 3 e 5).

(²²) Ver bibliografia exaustiva, até 1966, em Vera Leisner e Hermanfrid Schubart, «Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro, Portugal», in *Madriider Mitteilungen*, 7, F. H. Kerle Verlag, Heidelberg, 1966.



3
Fig. 6 — Cerâmica do Estrato B

No que respeita à qualidade da pasta, verifica-se que os fragmentos com decoração apresentam grande unidade, pertencendo a um grupo com características diferentes das dos grupos que integram a maioria dos fragmentos sem decoração, o que permite julgar que estamos, neste caso, perante uma verdadeira cerâmica «fina». Na verdade, muitas vezes, verifica-se que a qualidade da pasta da cerâmica decorada, é perfeitamente idêntica à da cerâmica sem decoração. Esta relação cerâmica decorada-não decorada, reflecte, naturalmente, um índice da proporção das zonas decoradas de cada vaso com decoração, em relação à superfície global do vaso. Assim, apesar de não possuímos um estudo quantitativo tão rigoroso como seria de desejar, devido à fragmentação deste material, é de supor que a zona decorada desta cerâmica «fina», fosse relativamente grande. Se bem que esta cerâmica se encontre quase exclusivamente em níveis de habitação ⁽²⁴⁾, e portanto já muito fragmentada, este facto confirma-se pelo menos nos «copos» de Vila Nova de S. Pedro ⁽²⁵⁾. Quanto aos potes ovoides de boca estreita, a faixa decorativa abrange em geral uma largura considerável, pelo menos junto ao bordo ⁽²⁶⁾.

Tanto os fragmentos decorados com caneluras, como os que ostentam motivos impressos do tipo «folha de acácia», são de pasta de grande ou média dureza, de núcleo castanho escuro ou avermelhado, com desengordurante arenoso, de grão médio, por vezes grosso, e abundante, sem engobo (Est. XII, 1, 2, 5, 12, 13, 14 e 16, e Est. XI, 2, 3, 5 e 6), com uma fina camada de engobo castanho avermelhado (Est. XII, 6, 7, 9, 11 e 17, e Est. XI, 4), ou ainda apenas com uma

⁽²⁴⁾ Na verdade, apenas temos conhecimento do achado de fragmentos de cerâmica decorada com folha de acácia impressa nos sepulcros de S. Martinho de Sintra — «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel»-1/3, Taf. 32, nr. 54, 55 e 56.

⁽²⁵⁾ Ver sobretudo: Eugénio Jalhay e Afonso do Paço «El Castro de Vilanova de San Pedro» in *Actas y memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*, tomo XX, Madrid, 1945; Afonso do Paço — Vila Nova de S. Pedro — XI — Nota sobre um tipo de cerâmica del estrato Vila Nova I», *Ampurias*, vol. XXI, Barcelona, 1959, págs. 252-260.

⁽²⁶⁾ A. I. Marques da Costa — «Estações pre-históricas dos arredores de Setúbal. Apontamentos para o seu estudo. Castro de Chibanes», in *O Arqueólogo Português*, vol. XI, 1906, pág. 46 e 47, e figs. 225-228.

aguada de polimento superficial, que lhes dá uma tonalidade castanha escura, ou negra (Est. XII, 4, 8, 10 e 15 e Est. XI, 1). Estes últimos fragmentos, lembram, segundo Savory ⁽²⁷⁾, «os barros de *Urfirnis* que aparecem em várias culturas do Neolítico final ou de início da Idade dos Metais, na Grécia, Egeu e costas da Anatólia e Síria». Um destes fragmentos (Est. XII, 15), tem vestígios de pintura de tonalidade esbranquiçada, técnica decorativa que se tornará muito corrente nas cerâmicas do grupo «campaniforme» ⁽²⁸⁾, mas que também já foi detectada em cerâmicas anteriores ⁽²⁹⁾.

Quanto às formas, verifica-se que os fragmentos de bordos pertencem aos dois tipos mais comuns de recipientes: o «copo» (Est. XII, 4, e Est. XI, 2 e 6) e o «pote» de bojo ovoide, base recta, e abertura estreita, bem representado em Chibanes ⁽³⁰⁾ (Est. XII, 1 e Est. XI, 1, 3 e 5).

Note-se, até este momento, a completa ausência de fragmentos decorados com incisões e ponteados típicos das cerâmicas do grupo campaniforme.

Refira-se ainda a presença neste estrato de dois fragmentos de cerâmica picotada, mas não perfurada, semelhantes aos encontrados nos castros de Vila Nova de S. Pedro ⁽³¹⁾ e do Penedo ⁽³²⁾, de pasta vermelha, muito fina (Est. XI, 10 e 11), bem como de cinco fragmentos com perfurações múltiplas, vulgarmente chamados «queijeiras», (Est.

⁽²⁷⁾ H. N. Savory — «Spain and Portugal — The Prehistory of the Iberian Peninsula», Thames and Hudson Ltd., London 1968, pág. 133. Há tradução portuguesa com o título «Espanha e Portugal», editada pela Editorial Verbo, mas esta versão não merece inteira confiança, pois nem o tradutor, nem o revisor da terminologia viram provas, e alguns trechos foram alterados pelo «Chefe dos Revisores» da editora, que sacrificou o rigor científico à «sonoridade», ou a conveniências extra-arqueológicas.

⁽²⁸⁾ Vera Leisner, Afonso do Paço e Leonel Ribeiro — «Grutas Artificiais de São Pedro do Estoril», Lisboa 1964, pág. 64.

⁽²⁹⁾ Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão, «Estação eneolítica de Parede — Notícia do seu achado», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVI, Porto 1958, págs. 16-17.

⁽³⁰⁾ A. I. Marques da Costa, *op. cit.*

⁽³¹⁾ Afonso do Paço — «Castro de Vila Nova de S. Pedro, X», in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série 8.ª, vol. II, Lisboa 1958, fig. 16.

⁽³²⁾ Konrad Spindler — «Die Kupferzeitliche Siedlung von Penedo — Portugal», in *Madriider Mitteilungen* 10, Heidelberg 1969, F. H. Kerle Verlag, págs. 92 e 93 e fig. 22.

XI, 7, 8 e 9) também característicos do Eneolítico estremenho ⁽³³⁾, que contribuem para dar unidade a este conjunto.

B — MATERIAIS LÍDICOS

1) *Sílex e quartzó* (Est. XIII)

1. Instrumento múltiplo, (provavelmente, furador e raspador) de sílex, retocado em quase toda a periferia do anverso; no reverso, bolbo saliente e retoque parcial no bordo direito. Apresenta uma pátina amarelo-acastanhada; esta e a sua morfologia permitiriam considerá-lo como um artefacto paleolítico.

C - 5; l - 2,9; e - 0,8 cm ⁽³⁴⁾.

2. Raspador de arestas bem vivas; parece encontrar-se partido. O eixo da lasca não coincide com o eixo do utensílio. Retocado no bordo superior do anverso e, parcialmente, no bordo direito do anverso e esquerdo do reverso. Vestígios de bolbo nesta segunda face.

C - 3,1; l - 4; e - 0,8 cm.

3. Fragmento de lasca de sílex com vestígios de bolbo no reverso, parcialmente retocada nos bordos. Cor castanho-avermelhada; pátina brilhante.

C - 3,7; l - 2,9; e - 1 cm.

4. Furador de sílex fragmentado, retocado na extremidade superior dos bordos esquerdo e direito do reverso e, parcialmente, no perímetro restante dos bordos e na extremidade superior do anverso. A extremidade distal encontra-se ligeiramente boleada pelo uso. Esta peça foi obtida de um fragmento de sílex patinado (pátina essa semelhante à da peça n.º 1).

C - 3,8; l - 2,3; e - 0,5 cm.

5. Lasca larga de sílex, fragmentada. Encontra-se parcialmente retocada no anverso e reverso; neste nota-se um resto de bolbo.

⁽³³⁾ Encontraram-se em Outeiro da Assenta, Outeiro de S. Mamede, Zambujal, Pedra do Ouro, Penedo, Olelas, Chibanes, Rotura, etc. (ver em V. Leisner e H. Schubart, *op. cit.* a bibliografia respectiva) e também no Alentejo (J. Morais Arnaud, 1971. *op. cit.* pág. 209 e Est. I, n.º 4 e 9).

⁽³⁴⁾ As dimensões das peças que damos são: comprimento segundo o eixo principal do utensílio, maior largura (tomada segundo direcções perpendiculares) e maior espessura.

C - 5,3; l - 4,2; e - 0,7 cm.

6. Fragmento de lâmina ovóide, de sílex, com retoques concentrados num dos bordos.

C - 2,2; l - 3,1; e - 0,6 cm.

7. Fragmento de ponta de seta, de sílex, de base côncava; retocada parcialmente no anverso; no reverso, apenas na base e no bordo direito. Extremidade distal quebrada.

C - 1,8; l - 1,7; e - 0,5 cm.

8. Pequena lamela de sílex.

C - 1,7; l - 0,8; e - 0,2 cm.

9. Lasca residual, de quartzo hialino.

C - 1,9; l - 1,1; e - 0,5 cm.

10. Pequena lamela de sílex, finamente retocada nos dois bordos paralelos. Secção trapezoidal.

11. Lâmina de sílex, de secção triangular e bordo esquerdo do anverso abatido. Encontra-se partida na extremidade distal.

C - 4,5; l - 2,4; e - 0,9 cm.

12. Raspadeira na extremidade de uma lasca de sílex, obtida de um núcleo. No anverso, um negativo lateral de uma lasca; no anverso e reverso, vestígios de bolbo de percussão.

C - 4; l - 2,6; e - 1,3 cm.

13. Raspador de sílex, com retoques nos bordos e vestígios de bolbo no reverso; pela morfologia (vestígios de preparação do plano de percussão, em particular) e pátina, poderia ser colocado no Paleolítico médio das estações do manto basáltico da região de Lisboa. A sua presença neste povoado pode dever-se ao facto de ter sido recolhido pelos seus moradores para eventual reaproveitamento (que se não chegou a verificar), a não ser que admitamos tratar-se de um objecto de colecção.

C - 2,6; l - 2,3; e - 0,8 cm.

Acrescente-se, ainda, as seguintes peças deste estrato, não fotografadas:

14. Lasca residual, de sílex, com ponta burilante, de utilização antiga. Aplica-se-lhe comentário idêntico ao da peça n.º 13, no que se refere à pátina e razão de ser da sua presença nesta estação.

C - 2,6; l - 2,2; e - 1 cm.

15. Fragmento de pequeno seixo rolado de quartzo; residual.

C - 2,5; l - 1,8; e - 1 cm.

16. Fragmento de lasca obtido de um núcleo de forma irregular. A pátina, brilhante, é de cor creme passando a acastanhado, e corresponde à de uma das séries paleolíticas das estações do manto basáltico de Lisboa. Mesmo caso das peças n.ºs 13 e 14, quanto à explicação da sua ocorrência.

C - 2,8; l - 2,6; e - 1,7 cm.

17. Lasca residual, de sílex.

C - 1,9; l - 1,8; e - 0,6 cm.

18. Lasca residual de sílex, com bolbo no reverso.

C - 1,1; l - 1,6; e - 0,3 cm.

19. Lasca residual de sílex.

C - 1,2; l - 0,8; e - 0,3 cm.

2) *Fibrolite*

De «pedra polida», encontrou-se apenas uma pequena «enxó» (Fig. 7, n.º 1) de fibrolite⁽³⁵⁾, muito corroída superficialmente, de eixos convergentes convexos, um deles ligeiramente mais convexo, bisel duplo convexo assimétrico, gume ligeiramente arqueado, cortante, com uma moosa no flanco superior e quatro, contínuas, no flanco inferior, de secção trapezoidal boleada, perfil longitudinal convexo convergente assimétrico. O flanco superior está polido apenas numa estreita zona triangular, e o flanco inferior apresenta-se totalmente polido. Comp. 5,59; larg. 4,38; esp. 1,70 cm; peso 66 gr⁽³⁶⁾.

3) *Grês*

No fundo deste estrato, recolheu-se um elemento movente de moinho de tipo neolítico, de grês. Comp. 15; larg. 12; esp. 7 cm.

(35) Segundo informação do Sr. Eng.º O. da Veiga Ferreira, a quem muito agradecemos.

(36) Na descrição desta peça seguiu-se A. Leroi-Gourhan, «Tableaux de morphologie descriptive», in *La Préhistoire*, Coll. Nouvelle Cléo, n.º 1, Paris 1966, P. U. F., págs. 245-271.

No sopé do cabeço, no fundo da vertente sul, os operários da pedreira encontraram um elemento dormente de moinho, inteiro, que aparenta ser igualmente de grês (Est. XII-A), que o Sr. João Pereira, encarregado da pedreira, muito amavelmente nos ofereceu.

C — MATERIAIS METÁLICOS

Cobre

No estrato B, recolheram-se as seguintes peças:

1) *Anel* (ou argola) de secção circular, corroído superficialmente, mas ainda com um considerável núcleo de metal. Diâmetro: 1,53; esp. 0,36 cm. (Fig. 7, n.º 2 e Est. XIII-B, 3).

2) Fragmento do topo de uma *lâmina* com um só gume, serrilhado, com cinco dentes. No lado oposto ao gume, ligeiramente martelado como no topo, existe uma pequena reentrância, para facilitar a fixação do cabo. Comp. 2,30; larg. 2,0; esp. 0,18 cm (Fig. 7, n.º 3 e Est. XIII-B, 2).

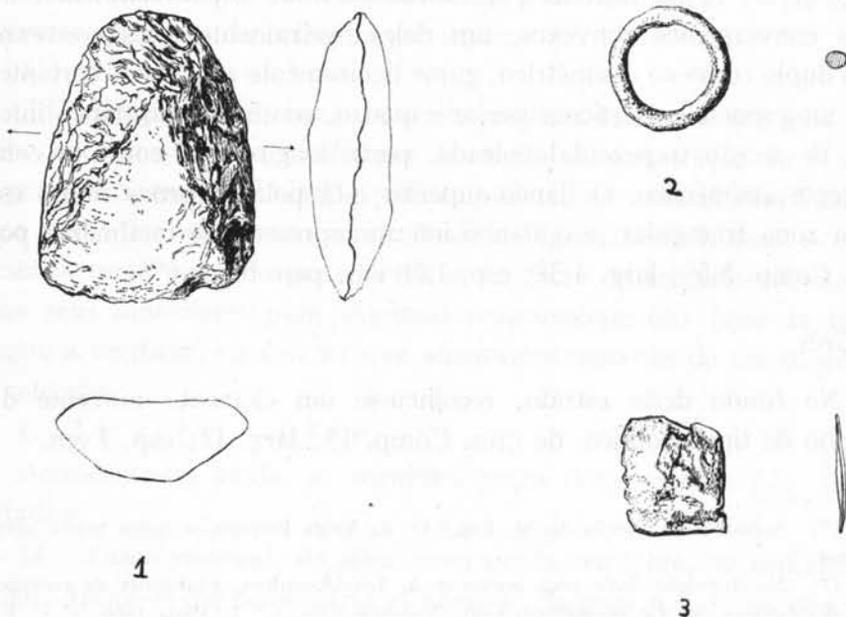


Fig. 7 — Enxó de fibrolite, e anel e lâmina de cobre, do Estrato B

Além destas duas peças, atribuímos a este estrato as duas peças seguintes, recolhidas pelo Sr. António Pedroso Ferreira, na área da pedreira.

3) *Furador* (ou punção) inteiro, de secção romboidal, excepto na extremidade perfurante, que é de secção circular, em bom estado de conservação. Comp. 9,73; larg. 0,44; esp. 0,37 cm (Est. XIII-B, 4).

4) Fragmento da ponta de uma *lâmina* de lados convexos convergentes, com dois gumes cortantes, um deles com quatro mossas, o outro com uma. O seu estado de corrosão é bastante adiantado, abrangendo cerca de 1/3 da espessura da peça. Comp. 4,75; larg. 1,69 esp. 0,15 cm (Est. XIII-B, 1).

Apesar de ainda não dispormos de análises espectrográficas para estas peças, julgamo-las de cobre, não só pelo seu contexto e tipologia, como também pela tonalidade do seu núcleo metálico.

As lâminas, serrilhadas ou não, são comuns em estações deste período. Menos comuns são os anéis e argolas, fundidos e fechados, que se encontram todavia em Pragança⁽³⁷⁾, e os furadores, ou punções, que se encontram, exactamente iguais, por exemplo em Olelas⁽³⁸⁾ e nas grutas de S. Pedro do Estoril⁽³⁹⁾.

D — ESPÓLIO OSTEOLÓGICO

Os ossos e dentes recolhidos, permitiram identificar os seguintes géneros: *Bos*, *Capra*, *Ovis* e *Sus*. Verifica-se a existência dos mesmos géneros identificados no Estrato C, com excepção do *Lepus*.

Quanto à natureza deste espólio, verifica-se também que, tal como no Estrato C, resulta aparentemente só de restos de alimentação, não se tendo encontrado nenhum utensílio.

(37) Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, vitrina 58.

(38) E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente — «O Castro Eneolítico de Olelas — Primeiras escavações», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXIX, Lisboa 1958, pág. 110 e Est. VIII, n.º 19.

(39) V. Leisner, A. do Paço e L. Ribeiro, *op. cit.* pág. 38 e Est. XV, n.º 86 e 87.

E — ESPÓLIO MALACOLÓGICO

1) *Restos de alimentos*

Recolheram-se numerosas conchas, inteiras ou fragmentadas, que permitiram indentificar os seguintes géneros e espécies: *Pecten* sp., *Ostrea* sp., *Cardium edule*, e *Tapes decussatus*. As duas últimas espécies são particularmente abundantes. Todos estes moluscos são comuns em estações eneolíticas da Estremadura (⁴⁰). Comparando com a fauna malacológica do Estrato C, verifica-se um fundo comum, constituído pelos três últimos moluscos, sendo a *Venus verrucosa* substituída pelo *Pecten*, neste estrato.

2) *Conta de colar*

Tal como no Estrato C, recolheu-se uma conta de colar, com 1,10 cm de diâmetro, e 0,20 cm de espessura, e um orifício tronco-cónico com 0,10 cm, feita a partir de um fragmento de valva de molusco, neste caso de *Cardium (edule?)*, com a particularidade de ter sido coberta com uma fina película de tinta vermelha escura (Est. X-B, 7).

Esta conta é muito semelhante às que os irmãos Siret encontraram na Cueva de los Toyos (⁴¹), onde estão documentadas as várias fases do seu fabrico. Na verdade, recolheram-se nesta pequena gruta natural do Sueste peninsular, além de duas contas conservando as estrias, dezenas de contas com as estrias já desgastadas, com 1,5 cm de diâmetro, bem como dezenas de fragmentos de valvas, aproximadamente circulares, conservando as estrias, mas ainda sem perfuração. Na gruta de Ibne Amar (situada perto de Silves, sobre o rio Arade), recolheram-se também várias centenas de contas circulares, feitas a partir de valvas de *Cardium* (⁴²), encontraram-se dezenas de rodela feitas de

(⁴⁰) C. T. da Silva e M. G. Cabrita, *op. cit.*, pág. 321 e 331.

(⁴¹) H. e L. Siret — *Las primeras edades del metal en el Sudeste de España*, Barcelona 1890, Album, Lamina 2.

(⁴²) José Pedro da Costa — «Estudo da Fauna Malacológica no Espólio da Gruta Natural de Ibne Amar», in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II, Coimbra 1970, pág. 604 e Est. I, 5 e 6.

valvas de *Cardium echinatum*, que foram consideradas como elementos de troca ou contagem. Ora esta função de «moeda», se bem que seja muito sugestiva, não me parece provável, em virtude deste molusco, se bem que se não encontre em muitas estações eneolíticas, ser corrente ao largo de toda a costa portuguesa, e aparecer rolado nas praias (44). A semelhança destas rodela com as já citadas da Cueva de los Toyos, poderá esclarecer, talvez, a sua função, pelo menos enquanto se não encontrarem novos elementos.

VI — CRONOLOGIA E CONCLUSÕES

Enquanto não dispusermos de datações absolutas, pela termoluminescência ou pelo rádio — carbono, não nos podemos pronunciar com segurança. No entanto, parece bastante claro estarmos em presença de duas épocas de ocupação bem definidas, cultural e cronologicamente. Assim, o Estrato C, com características tipicamente megalíticas, corresponderá ao período em que os construtores de monumentos megalíticos do Alentejo se expandiram até ao litoral estremenho, porventura antes de iniciarem um movimento expansionista de maior amplitude, pelas zonas atlânticas da Europa ocidental e setentrional.

A data em que foram construídos os primeiros monumentos megalíticos nesta região, é difícil de calcular com exactidão, pois se há indícios toponímicos da sua existência bem perto do Penedo de Lexim, nada se conhece acerca do seu espólio. Na verdade, Vera Leisner (45) refere uma informação de Hipólito Cabaço, segundo a qual existe um sepulcro megalítico na Serra do Tarejo, a Noroeste de Mafra. Pedro A. de Azevedo (46) citou por outro lado um documento datado de 1610, onde se referem dois sepulcros megalíticos, situados respectiva-

(43) Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira — «Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XLV, Lisboa 1961.

(44) C. T. da Silva e M. G. Cabrita, *op. cit.*, pág. 322.

(45) Vera Leisner — «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel — Der Westen», in *Madriider Forschungen*, Band 1/3, Berlin 1965, pág. 17.

(46) Pedro A. de Azevedo — «Notícia de Antas dos arredores de Lisboa», in *O Archeologo Português*, vol. X, 1905, págs. 161, 163 e 164.

mente no lugar do Jarmelo e perto do Casal de Malforno, utilizados como marco divisório dos termos de Lisboa e Torres Vedras.

Apesar de não terem sido ainda encontrados quaisquer vestígios destes monumentos, a sua existência parece segura. Na verdade, se o primeiro foi referido pelo distinto arqueólogo de Alenquer, a existência dos dois últimos, pelo menos até ao século XVII, é indubitável, tão clara a descrição que deles fez Domingos da Cunha, escrivão do tomo da cidade de Lisboa :

«...atrauesando a estrada de Torres direyto as pedras das Antas que estão na terra lauradia de Dominguos Ribeiro laurador defronte do lugar do Jormello honde estão cinco pedras grandes em Redondo que fazem huñ morouço de pedras honde na pedra mayor se fez hũa nauetta que he diuisa da cidade em hũa jlhargua della pera ficar por marco...» (47) «... e deste caminho vay partindo direito as outras pedras das antas que estão mais açima do dito casal contra o leuante honde estão sete pedras grandes de Redondo e hũa deytada no chão antre ellas e outras pedras piquenas as quais ficão por marco...» (48).

Devia portanto tratar-se de monumentos de tipo evolucionado, o segundo provàvelmente com corredor bem marcado.

Se as estas três antas situadas poucos quilómetros a norte de Mafra acrescentarmos três topónimos, um 8 km a norte de Mafra, já no concelho de Torres Vedras, e dois outros, respectivamente a 2 km sul-sudoeste, na freguesia de Igreja-a-Nova, e a 7 km a sudoeste, junto da freguesia de Assafora, e ainda um quarto, hoje já não cartografado, mas citado ainda por Estácio da Veiga (49), mesmo junto de Lexim, teremos um total de pelo menos sete monumentos, num raio de 8 km, índice muito importante, numa zona de pequena propriedade e de agricultura intensiva (dois dos mais importantes agentes de destruição dolménica) da ocupação megalítica da região.

Infelizmente, como nenhum destes monumentos foi estudado, não podemos comparar o seu espólio com os materiais recolhidos no Estrato C do Penedo de Lexim, se bem que estejamos a fazer pesquisas

(47) P. A. Azevedo, *op. cit.*, pág. 164.

(48) P. A. Azevedo, *op. cit.*, pág. 165.

(49) Estácio da Veiga, *op. cit.*, pág. 000.

no sentido de encontrarmos e escavarmos pelo menos um desses monumentos. Todavia, a data em que se iniciou a expansão megalítica do interior até ao litoral estremenho deve ter-se verificado numa fase relativamente tardia, imediatamente anterior à chegada dos primeiros grupos de prospectores de minério de cobre,, a que nos referiremos mais adiante, pois não se encontraram, pelo menos que saibamos, monumentos que pela sua planta e espólio correspondam às pequenas antas puramente neolíticas escavadas por Manuel Heleno no Alentejo.

De entre os monumentos megalíticos da região de Lisboa, Loures e Sintra que O. da Veiga Ferreira, muito estranhamente, dizia, em 1959, não serem dólmenes⁽⁵⁰⁾, são os dólmenes de Casinhos⁽⁵¹⁾ e de Conchadas⁽⁵²⁾ (em cuja espólio coexistem micrólitos de sílex e placas-ídolo de xisto), dos mais seguros indícios de uma marcada influência, ou presença, dos construtores de megálitos do Alentejo, num estádio tecnológico-económico neolítico. No entanto, estes dois monumentos devem pertencer já a um neolítico final, se bem que, infelizmente, não disponhamos de datações absolutas rigorosas para estes monumentos.

(50) Efectivamente, O. da Veiga Ferreira, no seu «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa», in *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I volume, Lisboa 1959, pág. 221, afirma que «os trabalhos que temos realizado... foram-nos dando a pouco e pouco a convicção de que estes monumentos dos arredores de Lisboa não se podiam filiar nos chamados dólmenes, nem tão pouco pertencerem à cultura dolménica portuguesa ou ocidental», mas estamos certos de que volvidos mais de 10 anos, já não pensará assim, pois a feição própria da arquitectura destes monumentos (o talhe dos esteios e a sua colocação numa cavidade escavada no calcário brando), explica-se sobejamente por um contexto geológico diverso do do Alentejo, por exemplo, e certos aspectos «exóticos» do seu espólio explicam-se facilmente pelas influências exógenas, mediterrânicas, a que os grupos de construtores de megálitos do litoral estavam naturalmente mais expostos do que os do interior. Note-se no entanto que o seu espólio é basicamente o mesmo que o dos monumentos da «Cultura Megalítica (ou Dolménica) Alentejana», incluindo entre outros esse «fóssil-director» por excelência que são as placas-ídolo de xisto.

(51) Vera Leisner, Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les monuments pré-historiques de Praia das Maças et de Casinhos», in *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal*, n.º 16, Lisboa 1969.

(52) A. Ribeiro Ferreira, Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XLV, Lisboa 1961, págs. 312 a 335, e est. III, V, VI e VII.

No entanto, na Lapa do Fumo (Sesimbra), encontrou-se em 1964 um estrato absolutamente selado, cujo espólio (constituído por placas-ídolo de xisto, micrólitos, cerâmica de tipo megalítico, e coelhos votivos de osso) foi datado pelo C 14 em 3.090 ± 160 a.C. (K-361)⁽⁵³⁾, o que mostra que os construtores de megálitos do Alentejo, se não construíram dólmenes nesta região do litoral, pelo menos frequentaram ou influenciaram culturalmente a região, já numa fase consideravelmente recuada do seu desenvolvimento, atribuível a um Neolítico final, ou médio, se bem que se não devam ter fixado em grande número nesta zona, onde aliás há também pelo menos um topónimo em Antas, se bem que se não tenham ainda encontrado os monumentos correspondentes, apesar das intensas prospecções que têm sido feitas pelos membros do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra.

Voltando ao Estrato C do Penedo de Lexim, este deve datar de uma fase mais avançada da «Cultura Megalítica», talvez da 2.^a etapa do seu apogeu, de acordo com a periodização mais recente de P. Bosch-Gimpera⁽⁵⁴⁾, na qual o sepulcro de corredor atinge o seu aperfeiçoamento máximo, e os grupos de construtores de megálitos do litoral sofrem influências exógenas, que conduzirão ao complexo espólio das grutas artificiais de Alapraia, Carenque e Palmela, e aos primeiros níveis dos povoados de Vila Nova de S. Pedro⁽⁵⁵⁾, Parede⁽⁵⁶⁾, Olelas⁽⁵⁷⁾ e Rotura⁽⁵⁸⁾, devendo datar de 2.750 a 2.500 a.C.⁽⁵⁹⁾.

(53) Eduardo da Cunha Serrão e Gustavo Marques, «Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)», in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Coimbra 1971, págs. 121 a 142.

(54) P. Bosch-Gimpera, «Cultura megalítica portuguesa y culturas españolas», in *Revista de Guimarães*, volume LXXVI, n.º 3-4, 1966, págs. 268-9.

(55) H. N. Savory, «A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959)», in *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, volume I, Lisboa 1970, págs. 9-10.

(56) Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão, «Estação eneolítica de Parede — Notícia do seu achado», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, volume XVI, Porto 1958.

(57) Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente, «O castro eneolítico de Olelas — Primeiras escavações», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXIX, Lisboa 1958, págs. 87 a 125.

(58) Sobre esta estação, de que só já resta uma pequena parte, em virtude da

Quanto ao Estrato B, tem os seus melhores paralelos nos estratos médios da Rotura ⁽⁶⁰⁾, em Vila Nova de S. Pedro II ⁽⁶¹⁾, e no Zambujal I ⁽⁶²⁾, isto é, nos estratos eneolíticos imediatamente anteriores ao aparecimento das cerâmicas do grupo campaniforme, pois em Lexim verifica-se claramente que (à semelhança do que acontece nas estações referidas) as cerâmicas decoradas com caneluras e motivos impressos do grupo «folha de acácia» são claramente anteriores à expansão do vaso campaniforme e seus associados (se bem que por vezes cheguem a coexistir) e que este povoado foi abandonado antes da «explosão» do vaso campaniforme, tal como aconteceu, por exemplo, em Vila Nova de S. Pedro, onde Savory afirma que «é evidente que a cultura do Vaso Campaniforme não teve qualquer papel no desenvolvimento da fortificação interior, mas só chegou ao local quando

exploração de uma pedreira, que destruiu cerca de 4/5, e que foi escavada, entre outros, por Carlos Ribeiro, Pereira da Costa, Maximiano Apollinário, Arronches Junqueiro, e A. I. Marques da Costa, nas últimas duas décadas do século XIX e na primeira do século XX, os quais não registaram quaisquer dados estratigráficos, dispomos hoje de duas estratigrafias recentemente registadas, respectivamente por Carlos Tavares da Silva, em 1966 e 1968, que publicou as suas observações em dois artigos intitulados «A estratigrafia do Povoado Pré-histórico da Rotura (Setúbal) — Nota preliminar», publicado no volume II das *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa 1970, e «O povoado pré-histórico da Rotura — Notas sobre a cerâmica», publicado no volume I das *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra 1971, e por Victor dos Santos Gonçalves, em 1967 e 1968, que publicou as suas observações no livro intitulado *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, editado pela Junta Distrital de Setúbal em 1972.

A estratigrafia da Rotura reveste-se de extraordinária importância, por ser a mais ampla e detalhada sucessão absolutamente vertical de estratos que se conhece para o eneolítico estremenho. Note-se que o registo que dela fizeram os dois arqueólogos referidos é perfeitamente concordante, explicando-se pequenas divergências por variantes locais. A interpretação cronológica dos materiais recolhidos nos vários estratos ou níveis é também concordante, com uma única excepção: enquanto no estrato inferior, à profundidade de 1,70 m, Carlos Tavares da Silva encontrou cadinhos de fundição de cobre e cerâmica decorada com caneluras, Victor dos Santos Gonçalves encontrou alguns fragmentos de cerâmica decorada com ungulações duplas, com base nos quais data o início da ocupação do povoado em c.5.000 a.C., por analogia com estações da Europa central.

⁽⁶⁰⁾ H. N. Savory, 1970, *op. cit.*, pág. 18. Note-se a concordância cronológica com P. Bosch-Gimpera, *op. cit.*

⁽⁶¹⁾ Níveis 3, 4 e 5 de Carlos Tavares da Silva, e níveis II a e b de Victor dos Santos Gonçalves (cf. *op. cit.*).

⁽⁶²⁾ H. N. Savory, 1970, *op. cit.*, pág. 17.

⁽⁶³⁾ H. Schubart, «Zambujal, uma fortificação da Idade do Cobre», in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra 1971, (vol. I).

esta fortificação estava já em ruínas»⁽⁶³⁾, e no Castro do Zambujal, onde Schubart diz que «em todas as fases de construção mais antigas, assim como nas zonas povoadas a norte, leste e sul, faltam os vasos campaniformes, enquanto que achados típicos de Vila Nova de S. Pedro I [II de Savory] estão aqui bem representados», e que «a cerâmica campaniforme aparece apenas nas camadas superiores de enchimento da barbacã, nas torres com interior vazio A e B, no enchimento da parte externa da porta com corredor, e na torre L»⁽⁶⁴⁾.

Se acrescentarmos a este paralelismo cultural e cronológico, a flagrante semelhança geográfico-estratégica do Penedo de Lexim com estações como Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, Rotura, e ainda com Pragança⁽⁶⁵⁾, Penedo⁽⁶⁶⁾, Olelas⁽⁶⁷⁾, Liceia⁽⁶⁸⁾ e Sesimbra⁽⁶⁹⁾, todas elas implantadas em esporões planálticos, mais ou menos bem definidos, caindo a pique sobre vales fluviais que, por um lado, fertilizam as várzeas circundantes, propiciando bons campos para a agricultura, e por outro facilitam as comunicações com o litoral atlântico, ou com o rio Tejo, podemos concluir que todos estes povoados constituíam uma rede de fortificações, de reduzida área habitacional, e de arquitectura complexamente elaborada, como o Zambujal, a Pedra do Ouro e Vila Nova de S. Pedro, ou aproveitando tão só as defesas naturais proporcionadas pelos afloramentos rochosos, apenas completadas, nas zonas mais desprotegidas, por panos de amuralhado, como julgamos ser o caso de Lexim, e como escavações de maior amplitude, conduzidas cientificamente, certamente revelariam noutras das estações

(63) H. N. Savory, 1970, *op. cit.*, pág. 11.

(64) H. Schubart, 1971, pág. 173.

(65) J. Leite Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa 1915.

(66) Konrad Spindler, «Die Kupferzeit Siedlung von Penedo», in *Madrider Mitteilungen*, 8, 1969.

(67) Eduardo da Cuha Serrão e Eduardo Prescottt Vicente, 1958, *op. cit.*

(68) Carlos Ribeiro, *Estudos pré-históricos em Portugal — Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos — I — Notícia da estação humana de Licêa*, Lisboa 1878.

(69) Manuel Gustavo Marques, «Castro eneolítico de Sesimbra — Notícia do seu achado», in *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, vol. I, Sesimbra 1967.

já referidas, construídas e ocupadas pelos primeiros grupos de metalurgistas do cobre que frequentaram o litoral estremenho ⁽⁷⁰⁾.

NOTA FINAL

Sobre o «esconderijo de fundidor» do Bronze «Atlântico» do Penedo de Lexim

Durante a exploração da pedreira de basalto instalada na vertente norte do Penedo de Lexim, os operários encontraram numa fenda rochosa algumas peças de bronze, atribuíveis à Idade do Bronze «Atlântico», que julgamos terem feito parte de um «esconderijo de fundidor». As únicas peças que pudémos observar, por enquanto, são dois machados com duas aselhas laterais, um depositado na Câmara Municipal de Mafra, outro entregue pelo encarregado da pedreira ao Sr. António Pedroso Ferreira, que o depositou no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Estas duas peças são perfeitamente idênticas, parecendo ter sido feitas com o mesmo molde. Conservam ainda as rebarbas de fundição e o gume bem afiado, não apresentando vestígios de utilização, o que corrobora a hipótese de terem pertencido a um esconderijo de fundidor.

Tencionávamos publicá-las neste volume, mas entretanto tivemos conhecimento de que o Sr. Alexandre Morgado tinha na sua colecção particular outros machados de bronze provenientes do Penedo de Lexim, pelo que preferimos tentar publicar todo o conjunto, aguardando a anuência do referido coleccionador.

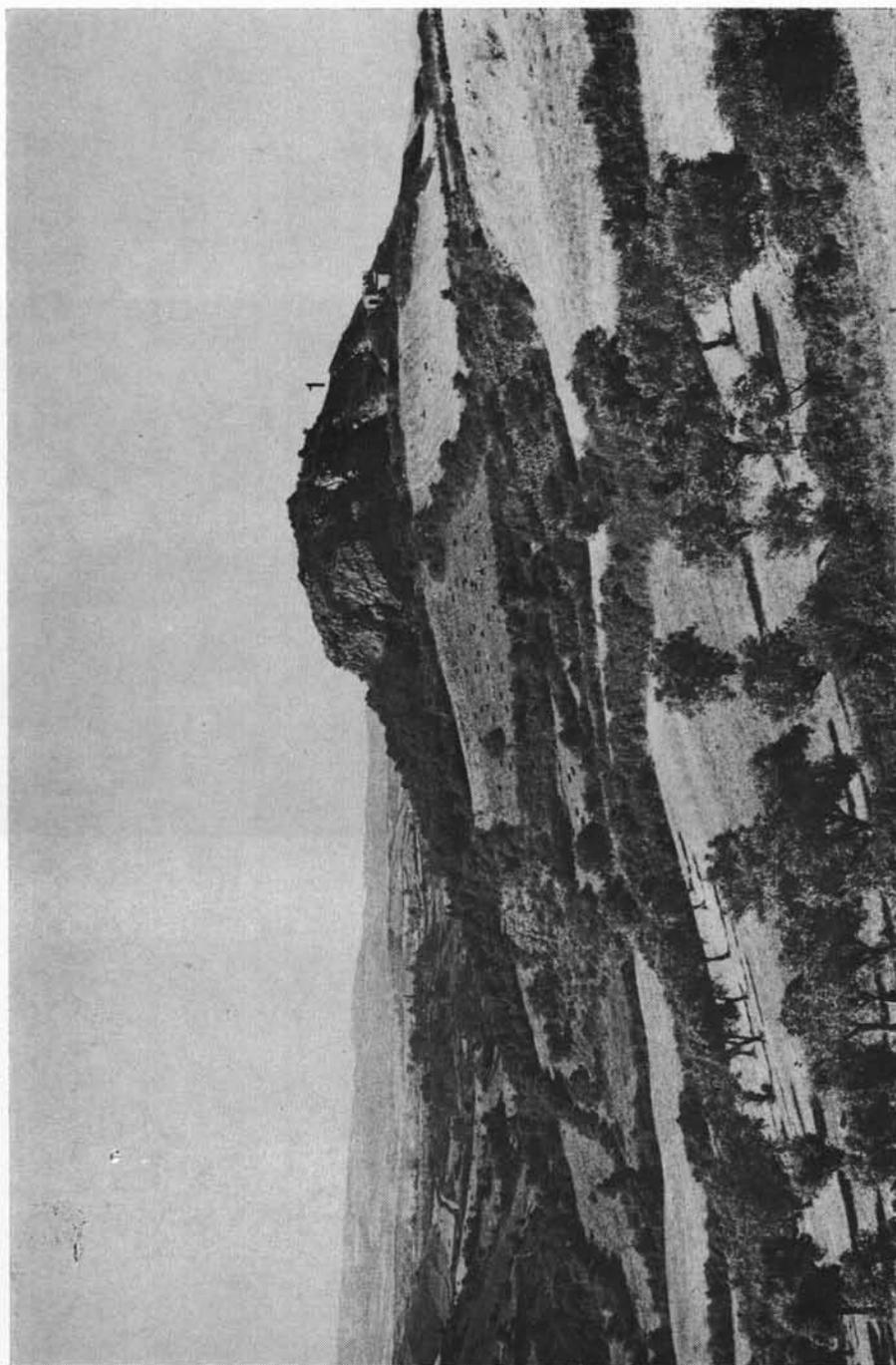
Note-se que este achado está certamente relacionado com o povoado da Idade do Bronze identificado recentemente no Cabeço dos Moinhos, situado a cerca de 4 km a nordeste do Penedo de Lexim ⁽⁷¹⁾, onde se encontraram peças do mesmo tipo.

SUMMARY

The authors describe the results of a preliminary excavation in a Late Neolithic and Early Copper Age hill-fort, 30 km from Lisbon and 10 km from the Atlantic coast, where they identified two main archaeological levels, the earlier of them (C) attributed to the late megalith builders, and dated between 2.750 - 2.500 B. C., the latter (B) to the first east/central Mediterranean copper prospectors and metalurgists, the builders of the forts of Vila Nova de S. Pedro and Zambujal, in a pre-beaker period, dated between 2.500 - 2.250 B. C.

⁽⁷⁰⁾ Sobre o papel desempenhado pelas fortificações do Zambujal e Pedra do Ouro ver a síntese de Hermanfrid Schubart, «Las fortificaciones eneolíticas de Zambujal y Pedra do Ouro, en Portugal», in *X Congresso Nacional de Arqueologia, (Menorca 1967)*, Zaragoza 1969, págs. 197 a 204.

⁽⁷¹⁾ Eduardo Prescott Vicente e Gil Miguéis Andrade, «A estação do bronze do Cabeço dos Moinhos», in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, volume I, Coimbra 1971.

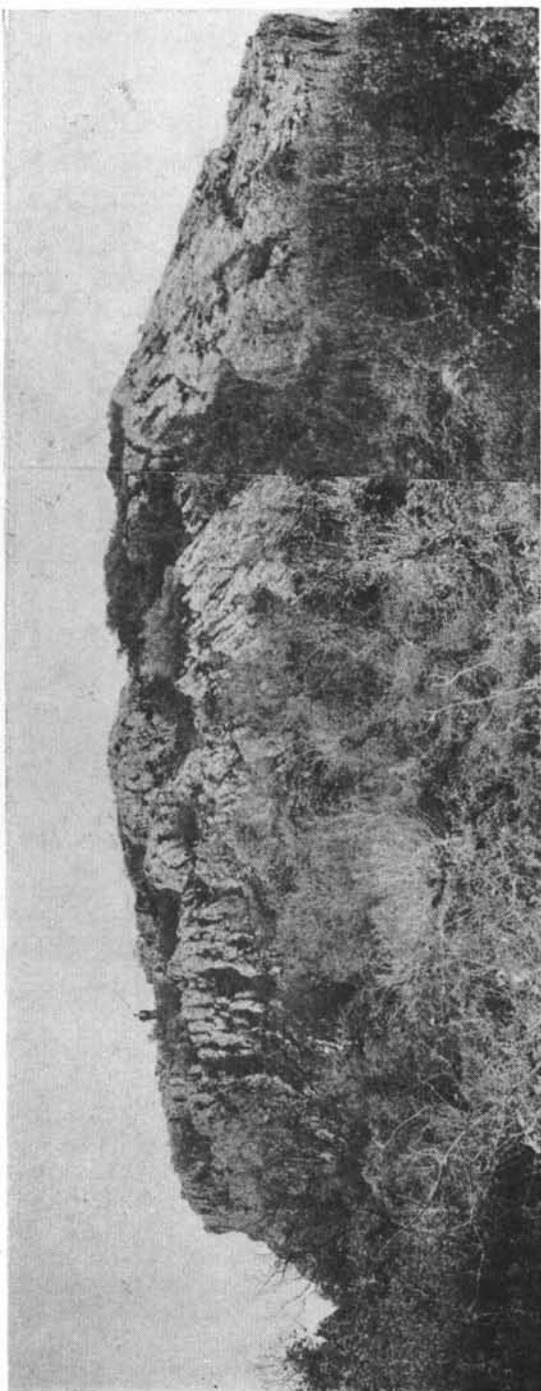


O Penedo de Lexim visto de norte, 1 — Local de sondagem de emergência



O Penedo de Lexim visto de oeste

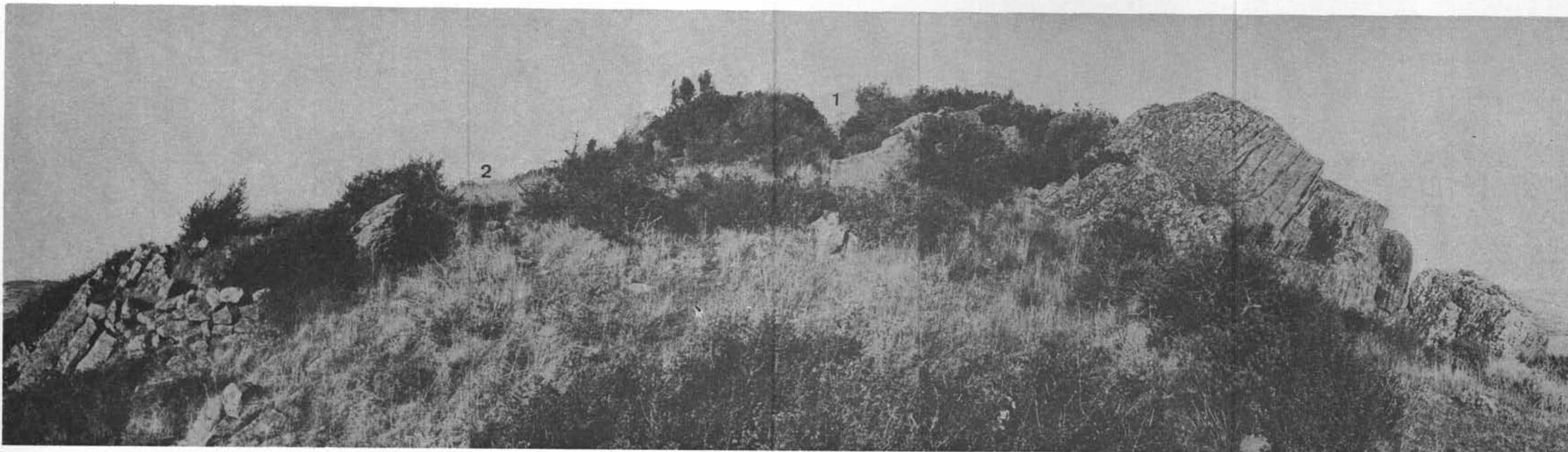
- 1 — Plataforma superior
- 2 — » média
- 3 — » inferior
- 4 — Local da sondagem de emergência
- 5 — Troços de muralha



O Penedo de Lexim, visto de nordeste



Aspecto da plataforma superior



As plataformas superior e média, vistas de sul, da plataforma inferior. À esquerda vê-se um troço da presumível muralha, encostada aos afloramentos basálticos



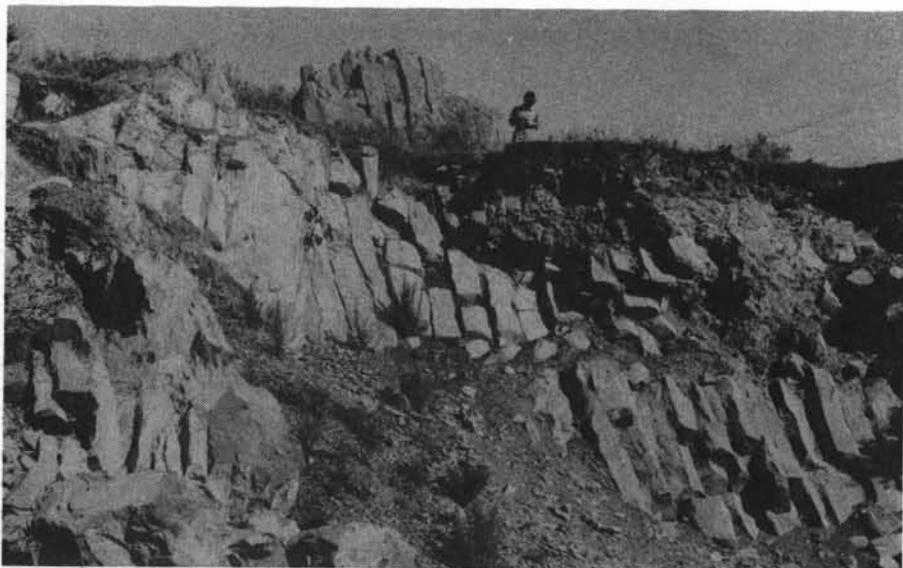
Plataforma média, vista de sudoeste. À esquerda está indicado o local da sondagem. No topo fica a plataforma superior



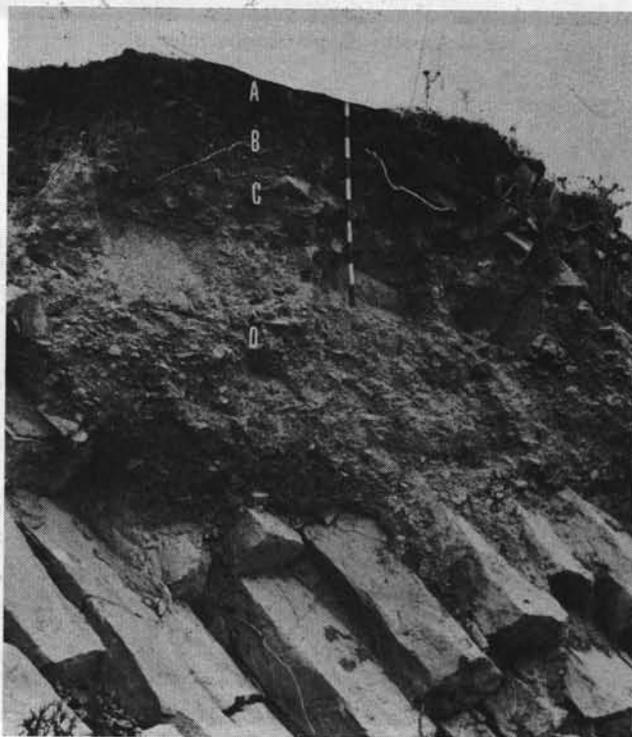
A — Aspecto da plataforma inferior



B — Pormenor da presumível muralha da plataforma média



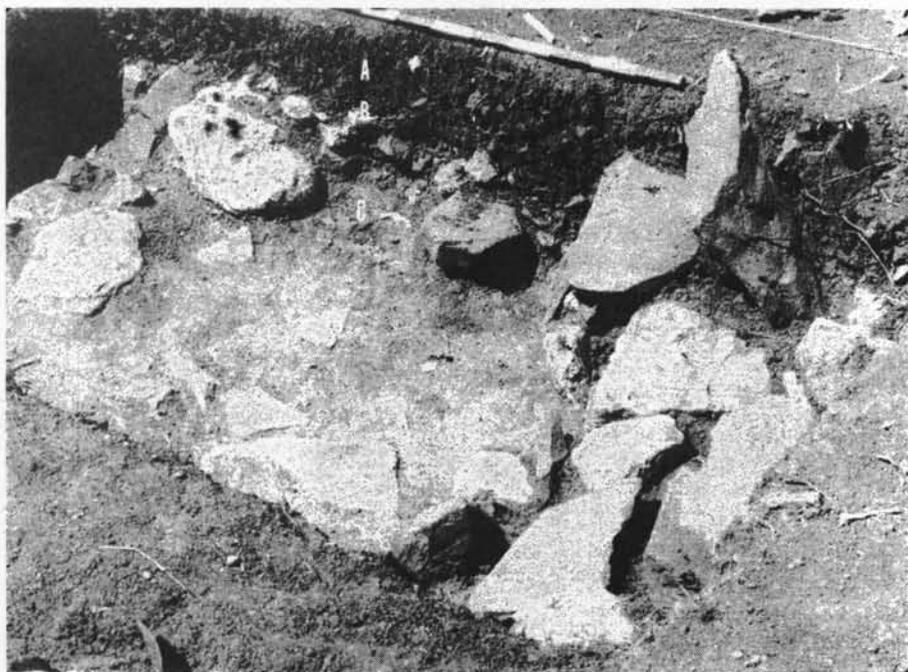
A — Estratigrafia observada no corte da pedra. A figura humana indica o local da sondagem.



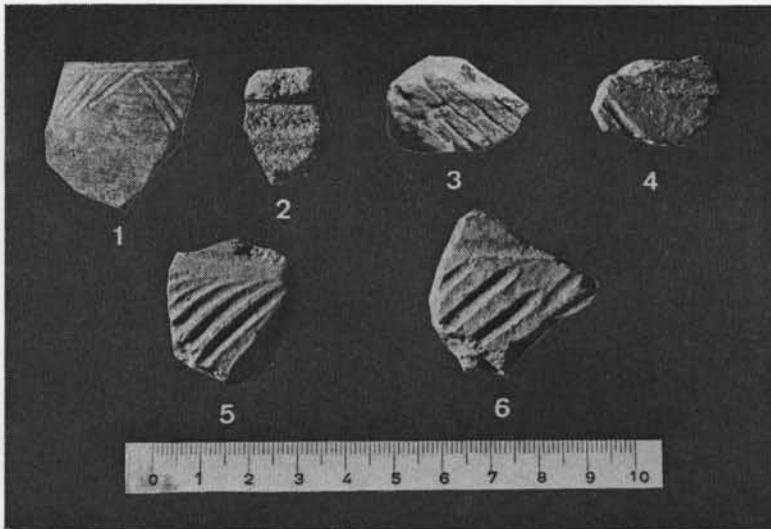
B — Pormenor da estratigrafia



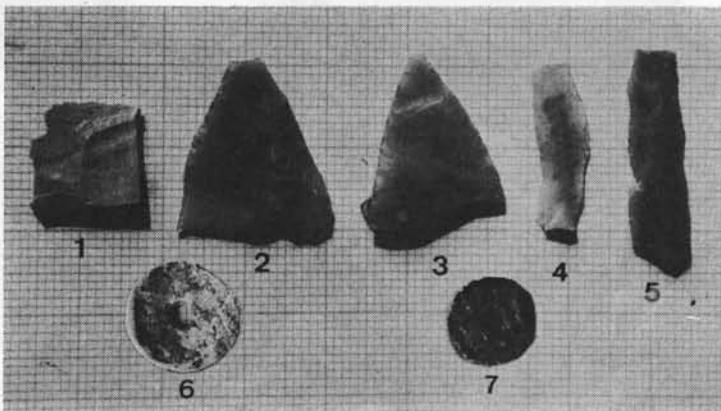
A — Aspecto da plataforma média, vendo-se ao centro o local da sondagem.
da sondagem



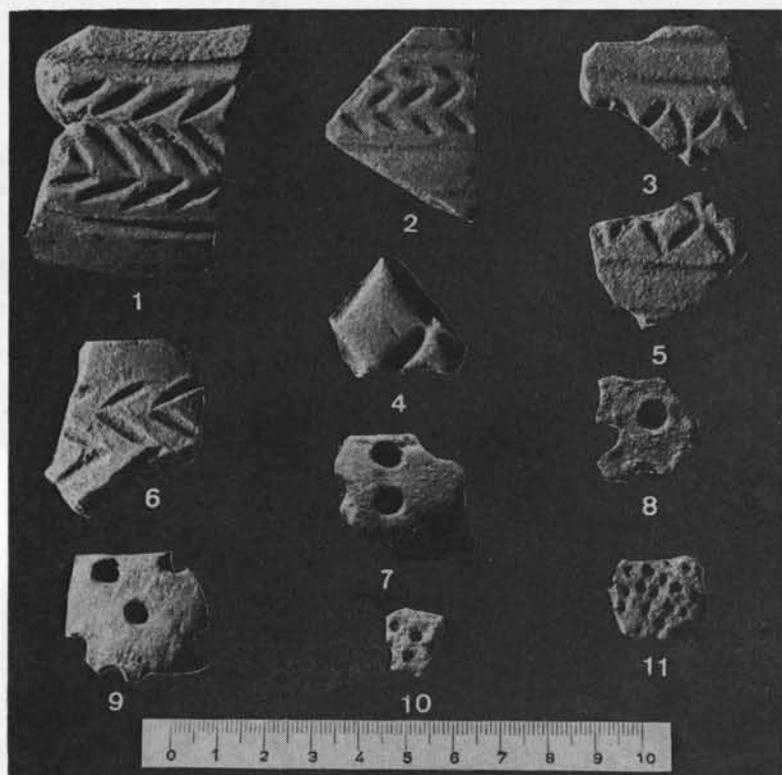
B — Estratigrafia observada na sondagem



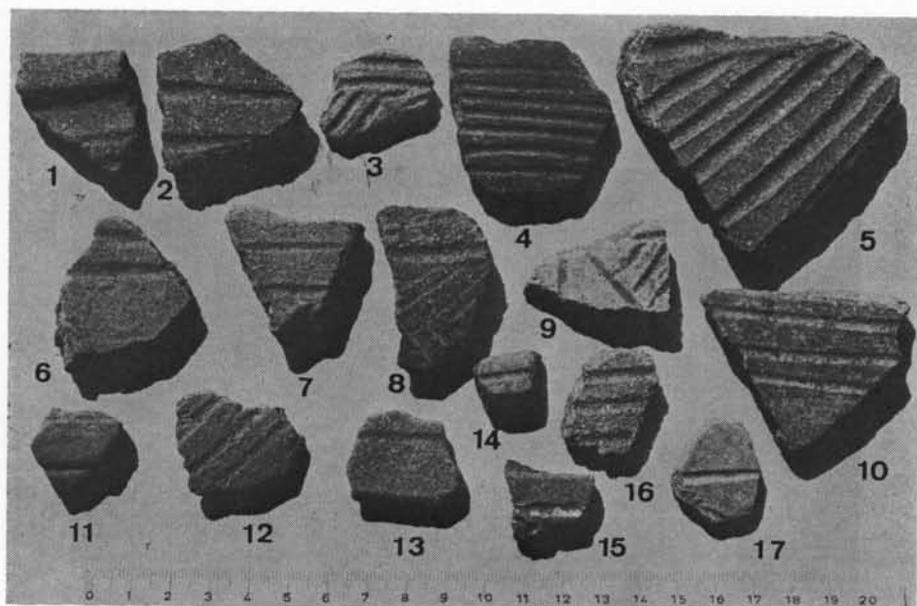
A — Cerâmica decorada do Estrato C



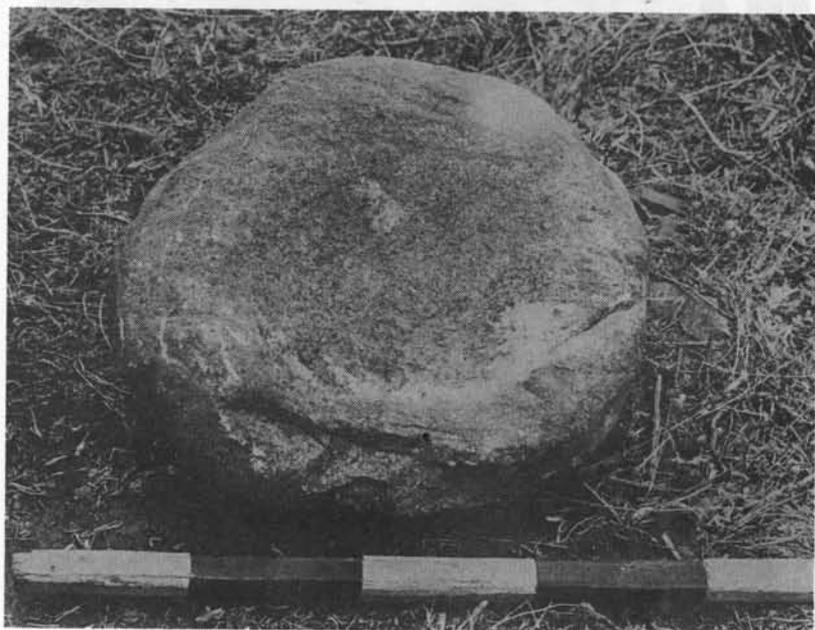
B — Peças de sílex (2, 3 e 5) e quartzo (1 e 4) do Estrato C e
contas de colar de valvas de moluscos do Estrato C (6) e B (7)



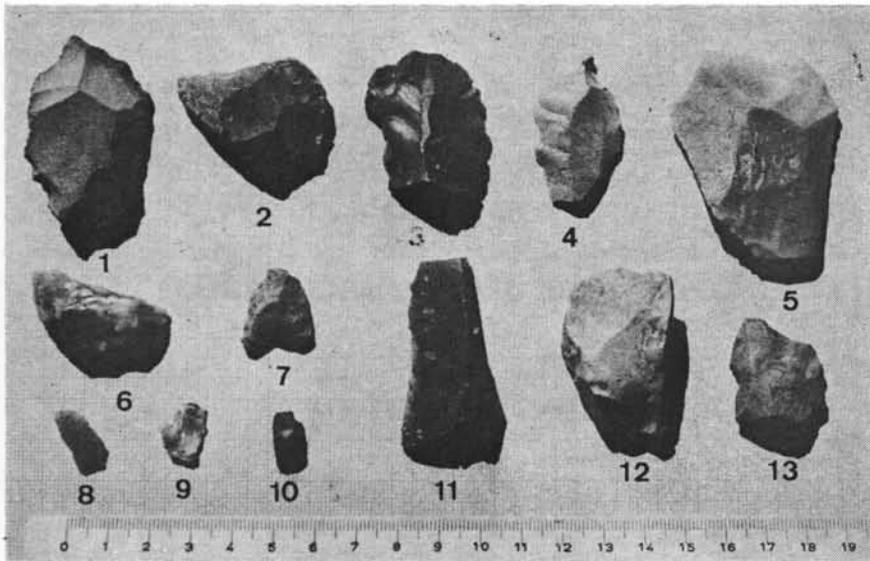
Cerâmica decorada e perfurada do Estrato B



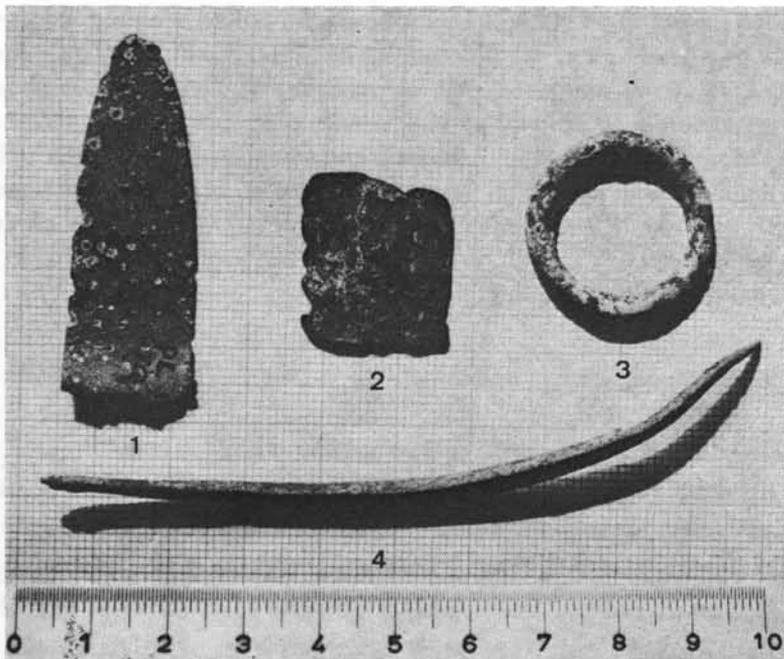
A — Cerâmica decorada do Estrato B



B — Mó dormente recolhida na vertente sul do Penedo de Lexim



A — Utensílios de «pedra lascada» do Estrato B



B — Utensílios de cobre recolhidos na pedreira (1 e 4) e no Estrato B (2 e 3)